

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO**

MARIA GABRIELA RIBEIRO MATOS

**CANUDOS RESISTE – UM DOCUMENTÁRIO
SOBRE A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE CANUDOS
A PARTIR DE MEMÓRIAS CONTEMPORÂNEAS**

VIÇOSA/MG

2019

MARIA GABRIELA RIBEIRO MATOS

**CANUDOS RESISTE – UM DOCUMENTÁRIO
SOBRE A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE CANUDOS
A PARTIR DE MEMÓRIAS CONTEMPORÂNEAS**

Memorial referente ao Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa Dra. Kátia Fraga

Coorientador: Albert Rego Ferreira

VIÇOSA/MG

2019



Universidade Federal de Viçosa - UFV
Departamento de Comunicação Social - DCM
Curso de Comunicação Social-Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Canudos Resiste – Um documentário sobre a construção da história de Canudos a partir de Memórias Contemporâneas*, de autoria da estudante Maria Gabriela Ribeiro Matos, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa Dra. Kátia Fraga

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Doutora em Extensão Rural pela UFV

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientadora

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG

Prof. Felipe Lopes Menicucci

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Mestre em Comunicação Social pela UFJF

Viçosa, 27 de novembro de 2019

AGRADECIMENTOS

O Nordeste sempre me encantou! Suas paisagens então nem se fala... Filha de baiano, que nunca abandonou sua terra, tive o privilégio de ter contato com a Bahia desde pequena. Poder falar dessa terra que tanto amo, e, de pessoas fortes que ali vivem é muito gratificante pra mim.

Sendo assim, a minha maior inspiração para fazer um videodocumentário sobre a Guerra de Canudos, vem dos meus ancestrais, meus avós, minha família. Sendo então para estes meus principais agradecimentos.

Primeiramente queria agradecer imensamente a minha avó Maria. A escritora de cartas do sertão de Monte Santo. A origem dessa vontade de contar de história é de família, e começou com uma Maria. Vovó foi a primeira pessoa que me contou sobre a história de Canudos, eu só lembro dela dizer: "minha filha, o pessoal dizia que dava pra ouvir os canhões daqui". Eu tinha entre cinco a seis anos, e desde então aquilo nunca saiu da minha cabeça. E para ela, dona Maria Ferreira, vai um dos meus agradecimentos principais.

Mãe, todos aqueles fins de tarde me ensinando o dever do primário valeram a pena né? Eu acho. A senhora é sinônimo de carinho, dedicação, zelo por aquilo que ama, em especial suas filhas. Esteve presente nos bastidores do meu TCC o tempo todo. Obrigada por me apoiar em todas as ideias e sonhos malucos que tenho. Seu cuidado e amor ameniza a acidez dessa trajetória.

Pai, sem o senhor nada disso seria possível! Carrega em si a sede e chama da resistência do povo sertanejo, desde quando chegou a esse Sudeste. Obrigada por nunca ter desistido da sua terra e possibilitar que fizéssemos isso tudo. Companheiro maior não há! O senhor é meu maior exemplo de homem e a prova de que "o sertanejo acima de tudo é um forte", como disse Euclides. Não há palavras para descrever minha gratidão pelo senhor. Os meus créditos maiores ao documentário são para você!

Manuzinha, minha irmã, companheira de tudo! Desde pequena me acompanhando em todas as aventuras na Bahia e em Minas. Apesar da distância, sempre fez questão de estar próxima e tentando resgatar dentro de mim a força que eu pensava que tinha perdido. Obrigada por tudo

Aos que me emprestaram equipamentos, Albert, Bela, Isac, Noah, obrigada por acreditarem em mim. Enfim, um agradecimento sincero a todas as amigas e amigos que me acompanharam e deram forças até aqui.

RESUMO

O projeto experimental *Canudos Resiste* é um documentário que trata da construção da história de Canudos a partir de memórias contemporâneas. A Guerra de Canudos aconteceu durante os anos de 1896 a 1897, no estado da Bahia. Foi um episódio que marcou catastroficamente a história do Brasil, mais especificamente a transição da monarquia para a república. A dimensão da guerra, sua origem e consequências faz de Canudos um emblema brasileiro, sendo ainda pauta de muitos debates não só históricos, como políticos e sociais também. Um dos motivos pelo o qual Canudos até hoje é pauta relevante, se dá pelo fato de algumas consequências de a guerra ainda refletirem no desenvolvimento da cidade atualmente. Tendo em vista o cinema como um objeto de estudo para a história e um documento para a análise das sociedades, o documentário *Canudos Resiste* propõe uma reflexão sobre as marcas e memórias da guerra de Canudos a partir da sua contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Canudos. Cinema. Documentário. História. Guerra.

ABSTRACT

The experimental project named Canudos Resiste is a video-documentary about the history construction of Canudos from contemporary memories. The Canudos War happened from 1896 to 1897, to be more specific during the transition from Monarchy to Republic period. The war's dimension, its origin and consequences make Canudos a Brazilian emblem. That's why Canudos is a relevant subject to many discussions, not just historical but also political and social. Furthermore its consequences still reflect on the city's development. Considering the movies as object of studies to History and as a document to analyze societies, the video-documentary Canudos Resiste propose a reflexion about marks and memories of the Canudos' War from its contemporaneity.

KEY WORDS: Canudos. Documentary. Film. History. War.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Flavio de Barros. 400 jagunços prisioneiros, 2 de outubro de 1897. Canudos, Bahia/ Acervo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles.....	22
Figura 2	Açude de Cocorobó, 2017.....	25
Figura 3	Mapa da Bahia, localização das cidades de Salvador, Monte Santo e Canudos...	29
Figura 4	Lia – enquadramento de câmera fechada durante seu depoimento.....	35
Figura 5	Lia – enquadramento de câmera durante a leitura da carta.....	35
Figura 6	Dona Maria – enquadramento de câmera fechada durante seu depoimento.....	36
Figura 7	Captção de imagem de uma cabra feita no curral durante a retirada do leite.....	37
Figura 8	Zé Américo – enquadramento de câmera fechada durante seu depoimento.....	38
Figura 9	Zé Américo – Foto capturada após a entrevista.....	53
Figura 10	Pôr do sol em Canudos – quadro de uma captura de vídeo feita ao final do primeiro dia de gravação em Canudos	54
Figura 11	Paleta de cores da identidade visual	54
Figura 12	Eudora - Tipografia	55
Figura 13	Explore - Tipografia	56
Figura 14	Isologo.....	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A GUERRA – UM BREVE HISTÓRICO.....	12
2.1	Contexto Histórico.....	12
2.2	A peregrinação de Antônio Conselheiro e o surgimento de Bello Monte.....	13
2.3	Os sertões, a Caatinga o homem e a religião.....	16
2.4	“As madeiras da discórdia” – O estopim para a guerra.....	18
2.5	Canudos Reduzido a Cinzas – As expedições.....	18
2.6	Das cinzas as águas – o surgimento das favelas.....	23
3	CINEMA, E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE CANUDOS A PARTIR DA SUA CONTEMPORANEIDADE.....	26
4	RELATÓRIO TÉCNICO.....	29
4.1	Hiperatividade - Onde tudo começou.....	29
4.2	Pré-Produção.....	30
4.3	Produção.....	32
4.3.1	Gravações	32
4.4	Pós-produção.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	50
	ANEXOS	51

1 INTRODUÇÃO

Presente no cenário de grandes obras da literatura e dramaturgia brasileira, como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1938), e o clássico do cinema novo *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha (1964), o semiárido nordestino destaca-se como um lugar onde os fortes habitam. A caatinga vem do tupi-guarani e significa “mata-branca”, pois, nos períodos de seca, as árvores da região do bioma perdem suas folhas e acabam secando, resultando em uma aparência esbranquiçada.

Em janeiro de 2018, durante uma viagem para o sertão da Bahia, eu não conseguia parar de olhar e admirar as paisagens da caatinga. Era impressionante como as rochas destacavam-se em meio a “mata branca”, formando várias “estátuas naturais”. Aquele cenário despertou uma inspiração para gravar um documentário.

Na época, havia terminado de cursar o quarto período do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e as experiências no ramo do audiovisual tinham sido por meio de vídeos feitos para o meu canal no YouTube, o Hiperatividade¹. Mesmo sem ter equipamento e técnica, havia uma vontade de produzir conteúdo diferente e a persistência em enfrentar novos desafios era maior. Por fim, o que era para ser apenas um documentário, tornou-se uma série-documentário sobre o bioma da Caatinga e os aspectos culturais da região nordestina.

A produção foi feita com dois *smartphones* Android – cada um com possuindo 2GB RAM e com 30fps de gravação – e um tripé simples de alumínio. Foram três episódios com uma média de duração de doze minutos cada. Depois de um ano das gravações, a série-documentário *Caatinga* foi lançada em primeira mão pela TV Viçosa², que deu a oportunidade de exibi-la em sua nova grade do primeiro semestre de 2019. Além disso, a série foi publicada no canal do YouTube citado.

¹ O canal Hiperatividade foi criado por mim em 2016, e atualmente tem como missão, produzir conteúdo jornalístico de cunho científico, cultural e ambiental, de forma clara e de fácil entendimento para diversos públicos. Tudo isso, por meio de produções audiovisuais, como webséries, documentários, entre outros. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/c/Hiperatividadeoficial>

² A TV-Viçosa faz parte da Fundação de Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa – FRATEVI – que foi criada em 2 de janeiro de 1990, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, na forma da legislação em vigor, com a finalidade de produzir e veicular programas de rádio e de televisão educativos e culturais, contribuindo, assim para a melhoria do ensino e da cultura regional, em todos os níveis. **Mais informações:** <https://fratevi.org.br/>

Desde então, confirmei de fato que a parte de produção de audiovisual e documentários é a minha área favorita na área do jornalismo e que era o tema que queria também para o meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Com certeza, a série-documentário *Caatinga* foi o ápice da minha escolha do projeto experimental e do tema Canudos. Além da motivação pessoal, de poder falar do sertanejo e sua força, foi durante a produção da série que pude sentir e perceber a importância da representação da vegetação como cenário de produções no cinema nacional. Essa questão está presente desde o *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e *O Pagador de Promessas* (1988), até as mais contemporâneas como *Onde nascem os fortes* (2018) e *Bacurau* (2019), obras marcantes e que se destacaram pelas produções e formas de como retrataram o sertão brasileiro, sendo cada qual com sua peculiaridade.

Além do mais, não poderia esquecer da importância de se conhecer a vegetação da caatinga no contexto da história da Guerra de Canudos, que será explicada melhor no capítulo 1 deste memorial. Sendo assim, a série-documentário foi uma introdução ao tema do meu TCC, pois, para compreender esse conflito, foi preciso entender o território por onde ele se passou, não só em aspectos ambientais, como também sociais.

A Guerra de Canudos aconteceu durante os anos de 1896 a 1897, no estado da Bahia. Foi um episódio que marcou catastroficamente a história do Brasil, mais especificamente a transição da monarquia para a república, sendo um reflexo do momento em que o país vivia na época. A dimensão do conflito, sua origem e consequências – que serão abordadas no capítulo 1 – faz de Canudos um marco da história do Brasil, sendo ainda pauta de muitos debates não só históricos, como também, políticos e sociais:

Canudos entrou na história com uma página de inconcebível violência dos ganhadores. De diversos modos, o episódio do sertão baiano vem sendo contado e recontado, discutido e interpretado. É tema inesgotável, que seduz o historiador, o sociólogo, o folclorista, o cordelista, o poeta, o teatrólogo, o artista (HERMANN, 1996, p. 144).

Nesse sentido, compreender a contemporaneidade de Canudos sem resgatar suas memórias e sem falar da guerra é quase impossível. Assim um dos motivos pelos quais Canudos é pauta relevante até hoje, se dá pelo fato de que algumas consequências do confronto ainda refletem no desenvolvimento da cidade.

No contexto da guerra, Canudos tornou-se “a terceira cidade da Bahia em população”, (SEVCENKO, 1998, p. 18); sendo que, atualmente tem, cerca 16.668 habitantes³. E encontra-se com um dos piores índices de desenvolvimento humano do país. De acordo com dados do Atlas do desenvolvimento Humano do Brasil, o município “ocupa a faixa de Desenvolvimento Humano Baixo do Brasil, estando na 5002^a posição entre os 5.565 municípios brasileiros”⁴. Nessa perspectiva, Canudos ainda resiste ao cenário da seca e pobreza que permeia grande parte do nordeste brasileiro. No livro “*Canudos uma nova Batalha*”, de Neiva (2017), o autor discute as questões sociais da Canudos contemporânea e mostra como as dificuldades de desenvolvimento social e humano da cidade ainda são provenientes da guerra. Compreender esse contexto atual e entender que ainda há impactos sociais gerados pelo confronto até os dias de hoje, é uma grande batalha.

Por longo tempo, me instigou a explicitar com clareza o significado de “uma nova batalha em Canudos”, que persiste desde a quarta e última conflagração, a que encerrou a guerra, em 5 de outubro de 1897. [...] A nova batalha que aqui se pretende discorrer está vinculada, basicamente, a dois grandes dilemas: o primeiro é a tentativa de preservar a memória e a história da guerra, enquanto o segundo refere-se ao combate à pobreza e à desigualdade, ainda tão presentes em Canudos e, necessariamente, um recorte de igual situação do semiárido brasileiro (NEIVA, 2017, p. 11).

Considerando pertinente a discussão sobre a resistência do povo canudense, este documentário pretende abordar esta nova batalha discutida por Neiva (2019), sendo que, a partir das memórias da guerra, será possível uma reflexão sobre o que este fato histórico deixou para a população da cidade, desde as ruínas, as memórias preservadas e a cultura desenvolvida pelo local desde o massacre.

Dessa forma, a escolha de um documentário ocorreu pelo fato de ser é um objeto de estudo para a história. Visto que, a partir do registro documental de outras realidades, é possível analisar uma sociedade de acordo com as pessoas que a compõe. Assim, o documentário é fundamental para a construção da história e memória.

Nesse sentido, o objetivo do documentário é propor uma reflexão sobre as marcas e memórias da guerra de Canudos, a partir da sua contemporaneidade; por meio de depoimentos dos nativos, moradores da região onde aconteceu os combates, estudiosos e pesquisadores; e por fim, entender o que seria a resistência de Canudos.

³ De acordo com estimativas do IBGE de 2019. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/canudos/panorama>

⁴ Fonte: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/canudos_ba

A seguir, serão apresentadas as discussões conceituais acerca da guerra e o cinema como objeto de estudo para a história. Em seguida, o relatório técnico e as considerações finais.

2 A GUERRA – UM BREVE HISTÓRICO

Neste capítulo, será feito um breve histórico sobre a guerra de Canudos, desde o início da peregrinação de conselheiro, surgimento de Bello Monte, as expedições até o pós-guerra. Sendo assim, a história será dividida em tópicos relatando cada período cronologicamente.

2.1 Contexto Histórico

A partir da metade século XIX ao início do século XX, ocorreu um intenso fluxo de mudanças no mundo inteiro, e a revolução tecnológica na Europa dava ao mundo novo ares e ordens. Na época, o Brasil também passava por transformações, ainda não tão avançadas como as daquele continente, porém, bem significativas e importantes para o processo histórico e de formação política brasileiro.

Naquele período, o Brasil encontrava-se muito desestabilizado, advindo da independência que aconteceu em 1822 e a proclamação da república ocorrida 1889. Assim, o país passava por um processo de transição da monarquia para a república. Vale ressaltar que a abolição da escravatura veio ocorrer oficialmente apenas em 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel.

Segundo Costa (2017, p. 4), “O trabalho escravo foi extinto, mas os ex-escravos não receberam nenhum tipo de apoio para começar sua nova vida como libertos: terra, casa, escola ou ferramentas”. Desse modo, o Estado brasileiro vivia um caos. E com a falta de políticas de inserção dos escravos na sociedade, eles ainda ficavam reféns dos coronéis para sobreviver. Enquanto isso, a elite preocupava-se em desenvolver e modernizar o país, tomando como exemplo o desenvolvimento científico provido da Europa:

Foi no contexto desse processo de desestabilização institucional que se fundou o Partido Republicano (1870), propondo a abolição da monarquia, e entrou em cena uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, a chamada “geração de 70”, comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas “ossificadas” do Império baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos (SEVCENKO e NOVAES, 1998, p.14).

Além das mudanças na estrutura organizacional do Brasil, a instauração da República⁵ (1889) trouxe uma nova configuração política e social, que foi a separação entre a Igreja e o Estado. Conseqüentemente, criou-se o registro civil de nascimento, casamento e morte, além da cobrança de novos impostos. Isso gerou uma desestabilização do povo em relação ao governo, o que já era de se esperar visto uma população majoritariamente católica.

O surgimento de Canudos refletia a carência e desestabilização da população em encontrar refúgio para sobreviver ao sistema, uma vez que o contexto das minorias do país na época era proveniente desde o período colonial. “O fato é que chegamos ao fim do período colonial no Brasil com a grande maioria da população excluída dos direitos políticos e civis e sem a existência do sentido de nacionalidade.” (FIGUEIREDO, 2009, p. 124). Sendo essa, uma fase marcada pela pobreza e desigualdade social.

Além disso, é importante destacar que por volta de 1877, houve uma seca terrível que se alastrou pelo Nordeste, provocando a morte de em média 100.000 pessoas⁶, sem contar na profunda crise econômica. Segundo Costa (2017), desde então, surgiram famílias de retirantes que circulavam pelas estradas e povoados em busca de comida e trabalho. A partir de então, é possível visualizar ainda mais o contexto que esta região brasileira se encontrava na época e como isso influenciou para o surgimento do arraial de Canudos.

2.2 A peregrinação de Antônio Conselheiro e o surgimento de Bello Monte

Por volta de 1890, havia um vilarejo composto por pequenas famílias de lavradores, camponeses agricultores rurais, às margens do rio Vaza-Barris, localizado no nordeste da Bahia a 410 quilômetros de Salvador. Segundo Euclides da Cunha (1985), havia cerca de cinquenta capuabas⁷. Canudos lutava pela sobrevivência em meio às grandes dificuldades, tendo que enfrentar as constantes secas e a pobreza que emergia na região. Conseqüentemente, com a falta de políticas públicas, a situação piorava cada vez mais.

⁵ Em 15 de novembro de 1889: O marechal Deodoro da Fonseca lidera o golpe que derruba a monarquia e instaura a República, movimento político que ocorre sem qualquer participação popular. Além do fim da monarquia, o novo regime de governo vai introduzir mudanças como eleições diretas, novos impostos, separação entre igreja e estado, liberdade de culto, registro civil de nascimento, casamento e óbito. Essas transformações são consideradas perturbadoras e disruptivas por Antônio Conselheiro e seguidores e causam medo e apreensão nos fiéis. Eles vivem num mundo patriarcal e são devotos de um catolicismo tradicional popular que reverencia o regime monárquico e a figura do imperador D. Pedro II visto como um rei eterno e paternal (COSTA, 2017, p.6).

⁶ COSTA, 2017.

⁷ Significado de Capuaba, [Brasil] do N. Cabana, choça. Terreno para roças. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/capuaba/>

Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, descreve a situação do lugarejo antes da chegada de Antônio Conselheiro a Canudos:

[...] lá se aglomerava, agregada à fazenda então ainda florescente, população suspeita e ociosa, “armada até aos dentes” e “cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão” de tubos naturalmente fornecidos pelas solanáceas (*canudos-de-pito*), vicejantes em grande cópia à beira do rio. [...] tinha, como a maioria dos que jazem desconhecidos pelos nossos sertões, muitos germes da desordem e do crime. Estava, porém, em plena decadência [...] e abandono; vazios os pousos; e no alto de um esporão da Favela, destelhada, reduzida às paredes exteriores, a antiga vivenda senhoril, em ruínas (CUNHA, 1985, p.191).

Nessa mesma época, em Quixeramobim – interior do Ceará – Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido por Antônio Conselheiro, vinha construindo uma trajetória⁸ de peregrinação religiosa; construindo e reformando igrejas, escolas, cemitérios, açudes e aguadas⁹ por onde passava. Durante suas andanças pelo sertão, ele conseguiu reunir um aglomerado de pessoas e, entre o povo que o acompanhava, a maior parte era formada por negros recém-libertados. Após a abolição da escravatura, não ocorreu nenhuma inserção dos escravos na sociedade, deixando-os ainda reféns da elite. E para sobreviverem, continuavam sendo agregados dos coronéis.

Ao verem a mobilização do Conselheiro, os ex-escravos enxergam naquele estilo de vida comunitário, uma oportunidade de construir suas vidas dignamente. Conforme Santana (2008), além dos escravos, havia também índios dos arredores e empregados de latifundiários que abriram mão de seus empregos para irem ao encontro de Antônio, sendo que todo esse deslocamento foi motivado pela seca e pobreza.

Em maio de 1893, durante a sua peregrinação pela Bahia, Antônio Conselheiro e seus seguidores enfrentam o primeiro embate com a polícia. O conflito aconteceu em Maceté – atualmente município de Quijingue – e foi provocado pelos conselheiristas ao queimarem as tábuas que continham os novos impostos instaurados pelo governo da República.

Participaram do confronto 30 policiais comandados pelo tenente Virgílio Pereira. Houve morte dos dois lados. A notícia da luta chegou à Salvador, onde as

⁸ “[...] Perdendo tudo aos 41 anos, Antônio Vicente sumiu pelo interior do Nordeste Brasileiro, região castigada pelas grandes secas. Em 1873, o peregrino esteve na Fazenda Urucu, no Açaré, interior do estado do Ceará, e encontrou com s comerciantes Antônio e Honório Vila Nova. Em 1874 ele esteve em Estância, interior do estado de Sergipe, como um verdadeiro messias, vestindo um camisolão azul, alpercata e um surrão de couro [...] Suas palavras confortaram e atraíram milhares de nordestinos que passaram a acompanhá-lo em suas andanças. Pelos conselhos que dava ficou conhecido como Antônio Conselheiro. O grande messias ajudou nas construções de capelas, igrejas, muros de cemitérios e pequenas aguadas” (JÚNIOR, 2008, p.9).

⁹ Dicionário Português - Aguadas é o plural de aguada. O mesmo que: bebedouros, fontes, mananciais. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aguadas/>

autoridades baianas pediram auxílio ao governo federal. Este atendeu à solicitação do governo baiano e mandou ao encontro dos conselheiristas 80 praças de linha. Estes por sua vez, quando se encontraram em Serrinha, tiveram que recuar atendendo a ordem superior, por dois motivos: o primeiro, devido ao comentário de que o grupo de Antônio Conselheiro era muito numerosos, outro porque seria desumano matar crianças, mulheres e velhos (SANTANA, 2008, p.10).

Após esse conflito, Antônio Conselheiro e seu povo partiram em sentido ao Cumbe – atualmente município de Euclides da Cunha¹⁰ – e, em seguida, por volta de maio de 1893, chegaram a Canudos. Atraído pelo relevo e topografia do local, os quais são formadas por paisagens muito bonitas que deram origem a um vale rodeado de morros, e com o rio Vaza Barris, Conselheiro escolhe aquele lugar para se instalar definitivamente junto ao seu povo.

Sua primeira medida foi mudar o nome de Canudos para Bello Monte e, em seguida, cria a Guarda Católica como estratégia de proteção ao arraial. Em uma das entrevistas concedidas para o documentário, João Ferreira afirma que a guarda Católica, além de proteger o local, havia também uma espécie de delegado para aqueles que cometiam crimes leves.

A guarda Católica além de protegê-lo (Antônio Conselheiro), também protegia o arraial. E João Abade, dentro da cidade, era como uma espécie de delegado. Aqueles que cometiam crimes leves eram levados para uma cadeia cujo o nome era poeira. Os demais crimes graves, eram levados para a “Comarca” de Monte Santo. (João Ferreira - Professor)¹¹

Aos poucos, Bello Monte consolida-se como uma comunidade abastecida por meio do comunitarismo, em que tudo era compartilhado, conseguindo, portanto, amenizar os efeitos da seca na população. Assim, surgiam expressões utilizadas em menção a fartura da produção local: os “rios de leites” e “morros de cuscuz”. A partir de então, a cidade começou a crescer vertiginosamente:

Em menos de uma década, se tornou a terceira cidade da Bahia em população, consideradas aí todas as dificuldades de mensuração de um contingente cujas características mais marcantes eram exatamente a fluidez e a mobilidade (SEVCENKO e NOVAES, 1998, p.19-20).

A forma como o arraial de Bello Monte estruturou-se e desenvolveu-se, com base no comunitarismo, e em um período de tempo tão curto, chamou a atenção do poder republicano. Segundo Sevencko (1998, p. 19-20), Canudos caracterizava-se “um exemplo cristalino dos modelos de ajuste e agregação espontâneos no curso dos deslocamentos contínuos em que se mantêm as populações pobres do interior do país”. Dessa forma, a comunidade conselheirista

¹⁰ SANTANA, 2008, p.11

¹¹ Trecho de entrevista concedida para o documentário.

passou a ser um incômodo para a elite quando os latifundiários perderam em grande escala sua mão-de-obra – que na época eram ex-escravos e trabalhadores rurais que abandonaram as fazendas onde trabalhavam para seguirem a multidão conselheirista.

2.3 Os sertões, a Caatinga o homem e a religião

Um fator importante a ser destacado é a influência da vegetação da caatinga no contexto da guerra. Em *Os Sertões* (1985), Euclides da Cunha divide o livro em três partes: a terra, o homem e a luta. A primeira, é toda descrevendo a terra, topografia da região, o solo e as plantas. Após esboçar a geografia e topografia local, ele descreve o homem etimologicamente. Assim, o escritor faz uma análise da ligação intrínseca da vegetação para com o sertanejo:

A seca não o apavora.¹² É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estoico. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta-a todo o transe esperanças de uma resistência impossível (CUNHA, 1985, p. 148).

Entender essa influência da seca na vida do nordestino para o contexto bélico, é de extrema importância. Pois, além das vantagens em conhecer a forma do terreno e estarem adaptados ao clima – algo que serviu como alibi para os conselheiristas durante as guerrilhas – há também a questão da religiosidade que está de certa forma ligada à vegetação. Visto que, uma característica do sertanejo, em especial os daquela época, era de se apegar às crenças e às religiões como forma de suportar a seca, na esperança de que algo divino fosse interceder por eles.

Nessa perspectiva, temos o resultado de uma sociedade com características primitivas e corajosas, embora simultaneamente crédula, apegando-se naturalmente a um disparate de superstições. Euclides ainda complementa:

O homem dos sertões – pelo que esboçamos – mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar, resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. Em paragens mais benéficas a necessidade de uma tutela sobrenatural não seria tão

¹² Quando ele diz “não apavora” é referência a comparação a outras sociedades que também enfrentam problemas geográficos: “Buckle, em página notável, assinala a anomalia de se não afeiçoar nunca, o homem às calamidades naturais que o rodeiam. Nenhum povo tem mais pavor aos terremotos que o peruano; e no Peru as crianças ao nascerem têm o berço embalado pelas vibrações da terra. Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora” (CUNHA, 1985, p. 148).

imperiosa. Ali, porém, as tendências pessoais como que se acolchetam às vicissitudes externas e deste entrelaçamento resulta, copiando o contraste que observamos entre a exaltação impulsiva e a apatia enervadora da atividade, a indiferença fatalista pelo futuro e a exaltação religiosa (CUNHA, 1985, p. 156).

Compreendendo essa relação do sertanejo com suas crenças, torna-se perceptível o quão significativo é a religião para aquele povo. Isso reflete na dimensão que teve a peregrinação de Antônio Conselheiro e o impacto na população da época. Apesar da religiosidade ter sido presente em todo o contexto da guerra, a Igreja não era a favor do movimento conselheirista, já que a forma como Conselheiro pregava os ensinamentos religiosos, incomodava a Igreja ao ponto da mesma se sentir ameaçada:

Assustou o Clero, porque chega um homem, assim, que não era um religioso consagrado lá pelo Vaticano, pregando o evangelho numa linguagem muito popular numa liturgia dentro da realidade daquele povo, esvaziou as igrejas né, da região. Na época o padre celebrava a missa na linguagem, que quer ver, no latim de costas para Assembleia e nada o povo entendia. Então isso assustou e, portanto, se diz que a igreja foi conivente né, ela foi omissa (Josefa Maria Régis Irmã, descendente de conselheirista).¹³

Após o desenvolvimento da população, Canudos passou a ter maior visibilidade em relação ao governo e ao clero, e, assim, a despertar um incomodo nessas organizações. Segundo Calasans (1988), os próprios padres, sobretudo na região delimitada pelos rios Vaza-Barris e Itapicuru, tinham amargas queixas da liderança que o peregrino cearense exercia sobre as populações consideradas católicas.

Em 1895, o arcebispo da Bahia pede para que os Freis Capuchinhos Italianos João Evangelista de Monte Marciano, Caetano de Leo e o padre da cidade de Cumbe, Vicente Sabino dos Santos, irem até Bello Monte, na tentativa de convencer Antônio a se desfazer daquele movimento, além de investigar as atividades religiosas da comunidade do arraial de Canudos.

Eles vêm junto com o padre Vicente Sabino dos Santos, que era vigário do Cumbe, que hoje é a cidade de Euclides da Cunha. [...] E ao chegar em Bello Monte, em 1896, vão celebrar a missa, ter uma reunião, e Conselheiro queria que eles tentassem desfazer do movimento, e eles acabam criando uma revolta dentro da comunidade. (João Ferreira - Professor).¹⁴

¹³ Trecho de entrevista concedida para o documentário.

¹⁴ Trecho de entrevista concedida para o documentário.

Após esse episódio, os Freis escreveram um relatório negativo sobre Canudos e enviaram para Salvador, que a partir de então, Canudos passou a ser um alvo ainda maior da elite.

2.4 “As madeiras da discórdia” – O estopim para a guerra

O ápice para o início da guerra foi o episódio conhecido por alguns como “as madeiras da discórdia”. Com o grande crescimento da cidade, a igreja da época era pequena e não supria as necessidades dos fiéis. Sendo assim, Antônio Conselheiro resolveu dar início a construção da segunda igreja de Bello Monte, que ficou conhecida como igreja Nova ou igreja de Bom Jesus.

Como na região não havia madeiras suficientes nem apropriadas para as estruturas da igreja, ele mandou encomendá-las em Juazeiro/BA. Porém, elas não foram entregues, mesmo estando quitadas. Dessa forma, o Conselheiro, juntamente com seus seguidores, foi até a cidade para buscá-las, dado que já tinham sido pagas, sendo um direito pegá-las.

Assim, quando souberam da ida dos conselheiristas até Juazeiro/BA, surgiu um boato de que eles iriam para invadir a cidade. A partir de então, criou-se o primeiro pretexto para poder atacar a comunidade de Bello Monte:

O juiz de Direito de Juazeiro, Arlindo Leoni, o mesmo que fugiu durante o atrito que aconteceu em Bom Conselho, aproveitou-se da situação para descontar a velha rixa com os conselheiristas. Passou telegramas para o governador Luiz Viana, pedindo uma força policial para garantir a cidade de Juazeiro, mas a intenção era aumentar os problemas e conseqüentemente iniciar um conflito que se tornou o maior e mais sangrento da história deste país, A GUERRA DE CANUDOS (SANTANA, 2008, p. 15).

Feito isso, a tropa encontra os conselheiristas nas proximidades da cidade de Uau. Em 21 de novembro de 1896, aconteceu a primeira expedição em que resultou muitos mortos e feridos. Após esse confronto, Canudos é visto como ameaça para os governantes e elite do país, e a guerra de fato começa.

2.5 Canudos Reduzido a Cinzas – As expedições

As primeiras expedições foram ganhas pelos conselheiristas, que por conhecerem o terreno e estarem aptos ao local e as condições da região, derrotaram as tropas do exército

brasileiro. O sol escaldante, a seca e as estepes deveriam ter sido preocupações para os soldados e estrategistas do governo, que subestimaram o local e a população. Lembrando que a primeira expedição foi a enviada para “proteger” Juazeiro do suposto ataque dos conselheiristas.

O tenente Manuel da Silva Pires Ferreira comanda a primeira expedição militar contra Canudos formada por 113 soldados, oficiais, médico e guias recrutados nas forças do estado da Bahia. Sofrem um ataque de emboscada dos conselheiristas em Uauá e embora com poucas baixas, as tropas governamentais são obrigadas a recuar, voltar a Juazeiro, e desistir de alcançar o arraial de Belo Monte (COSTA, 2017, p. 13).

A segunda expedição militar contava com cerca de seiscentos homens e foi enviada à Bello Monte em 12 de janeiro de 189, sendo a primeira a levar armamento de grande porte para o sertão. Porém, por não conhecerem o terreno, as tropas dos governos acabaram tendo dificuldades nos caminhos, sendo tocada pelos conselheiristas na serra do Cambaio. “A lagoa do Cipó, situada ao lado da serra, ficou conhecida, depois, como a lagoa do sangue, devido ao grande número de homens mortos” (SANTANA, 2008, p. 17).

O massacre dos conselheiristas em cima dos soldados provocou um ódio ainda maior por parte do governo em relação aos sertanejos, que com pás, enxadas, mandacarus, conseguiram derrotar toda a tropa armada.

O problema estava nas próprias características do exército e, por extensão, das elites litorâneas brasileiras. Os oficiais eram treinados em francês, por instrutores belgas, por meio de manuais belgas com táticas apropriadas para os territórios dos Países Baixos. Nenhum deles tinha a menor noção das condições típicas dos sertões brasileiros. Seus uniformes coloridos eram alvos fáceis para os sertanejos, seus canhões afundavam no solo arenoso, suas roupas de lã eram a receita certa para a desidratação sob o sol da caatinga. (SEVCENKO e NOVAES, 1998, p. 20.)

Enquanto isso, a imprensa brasileira construía uma imagem difamatória em relação aos conselheiristas e a Canudos, sendo totalmente parcial à elite brasileira; de forma a influenciar majoritariamente a população que acompanhava os jornais da época. Segundo Sevecenko e Novaes (1998), essa construção negativa da imagem dos conselheiristas ocorreu após duas primeiras expedições, em que ambas o governo foi derrotado.

Após as duas derrotas, o exército brasileiro tinha sua honra afetada e ameaçada, fazendo necessário a destruição total de Canudos. É importante contextualizar que durante a

guerra, o Brasil era governado por Prudente de Moraes¹⁵, primeiro governo civil da República. Assim, os militares estavam em conflito com os civis por disputa de poder e desenvolviam várias estratégias para derrubar o governo de Prudente.

Dessa forma, a terceira expedição contava com 1300 soldados e ganhava um peso bem maior, sendo organizada pelo governo federal, aos comandos do general Moreira César,¹⁶ conhecido como “Corta cabeças”¹⁷, que na época, cobiçava a presidência. Ademais, por seu histórico em batalhas, tinha legitimidade total para destruir Canudos. Logo, a ideia dos militares era de resgatar a honra do exército e ganhar a confiança dos republicanos para que Moreira César assumisse o poder. Porém, as coisas não saíram como o planejado:

Uma manobra errada levou a tropa a ser derrotada. O coronel Moreira César levou dois tiros e não resistiu aos ferimentos, morrendo no amanhecer do dia 04 de março de 1897. Assumiu o comando Pedro Nunes Tamarindo, que não obteve sucesso em seu comando e rimando um dito popular do nordeste; “é tempo de murici, cada um cuide de si”. Isso foi o suficiente para que os soldados fugissem em debandada, abandonando no campo de luta as armas e as munições, que foram apropriadas pelos conselheiristas. O coronel Tamarindo foi morto a tiros e seu cadáver exposto em uma árvore do sertão, onde apodreceu e foi devorado pelos urubus (SANTANA, 2008, p.18)

Não se conformando com a terceira derrota, os militares aproveitaram da morte do general Moreira César¹⁸ para intensificar os questionamentos em torno da legitimidade do governo civil. Assim, utilizaram argumentos baseados na preocupação com a proteção das instituições, uma vez que, na visão deles, a morte do militar representava a fragilidade da segurança da nação, que estava ameaçada frente aos ataques dos defensores da restauração da monarquia e opositores da República.

Conseqüentemente, após a morte de Moreira César, os debates políticos da época que contrapôs civis e militares resultaram na difamação dos conselheiristas, dando legitimidade

¹⁵ Prudente de Moraes (1841-1902) foi o primeiro presidente civil da República do Brasil e o primeiro eleito pelo voto popular. Foi o terceiro presidente da República, tomou posse em 15 de novembro de 1894 e permaneceu no cargo até 1898. Disponível em: https://www.ebiografia.com/prudente_morais/

¹⁶ Antônio Moreira César figurou na história brasileira como um importante militar. À frente do Exército Brasileiro ele atuou na Revolta da Armada (1893-1895) e Guerra de Canudos (1896 -1897). Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/biografia-quem-foi-antonio-moreira-cesar/>

¹⁷ “oficial florianista conhecido como Corta-Cabeças pela atuação sanguinária na Revolta Federalista (1893/1895)” (COSTA, 2017, p.16).

¹⁸ “Para espanto geral, não só a expedição foi totalmente desbaratada, como o general Moreira César foi abatido pelo fogo inimigo. Pânico geral! A única maneira de justificar a catástrofe foi atribuir aos revoltosos a imagem de conspiradores monarquistas, decididos a derrubar o novo regime, mantidos, organizados e fortemente armados a partir do exterior por líderes expatriados do regime imperial. Aniquilá-los por completo era, portanto, uma questão de vida ou morte para a jovem República.” SEVCENKO, Nicolau e NOVAES, Fernando. História da Vida Privada no Brasil - Volume 3. São Paulo: Cia das Letras 1998. p. 17.

para que a imprensa¹⁹, a partir desses argumentos, pudesse construir uma imagem negativa de Bello Monte e seus moradores. Dessa forma, os seguidores de Conselheiro eram vistos como poderosos inimigos da nação, apoiadores da monarquia, sendo que o discurso produzido em torno disso resultou na idealização da necessidade de repressão do grupo liderado por Antônio Conselheiro.

A quarta e última expedição, sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães, foi constituída por um grande número de soldados, que compunham duas colunas, ambas com mais de quatro mil soldados, possuindo um grande potencial destrutivo. Apesar do grande volume, eles ainda não tinham estudado de fato a causa das outras três derrotas:

Em nenhum momento foram feitos estudos mais aprofundados sobre os três elementos fundamentais que, até aquele momento, tinham sido os causadores dos desastres que abateram as três expedições militares: as condições adversas do terreno, a psicologia dos sertanejos e a precariedade das linhas de abastecimento (SANTANA, 2008, p. 19)

Isso resultou no ataque dos conselheiristas, que fizeram trincheiras pelos caminhos que as tropas passariam, e havia cerca de 2000 homens. Arthur Oscar, diante daquele contexto, desesperou-se e acabou esquivando a expedição de tal maneira que foi solicitado ao governo federal mais de 5000 soldados para solucionar a situação.

Após inúmeras tentativas, quase sendo destruídas antes de chegar ao arraial, as tropas finalmente conseguiram circundar os arredores. Em 22 de setembro de 1897, Antônio Conselheiro que já estava doente, veio a falecer. Com a morte do líder, os conselheiristas que já estavam debilitados com o conflito ficaram ainda mais fragilizados e, em 24 de setembro daquele ano, as tropas do governo conseguiram cercar o arraial, prendendo alguns integrantes. Por fim, no dia 1º de outubro de 1897, o exército fez o ataque final, colocando fogo em todo o arraial.

Na incapacidade de impor uma vitória militar, os oficiais decidiram verter barris de querosene sobre os casebres de pau e palha, queimando vivos os moradores remanescentes e os últimos combatentes, reduzindo a cidade de Canudos a cinzas. (SEVCENKO e NOVAES, 1998, p. 18).

¹⁸ “alguns discursos veiculados por uma parte da imprensa do Rio de Janeiro, então capital federal, procuraram justificar a necessidade da repressão ao grupo liderado por Antônio Conselheiro e, enfocando a conjuntura política que produziu e alimentou esses discursos, discutir a hipótese de que a magnitude e a ferocidade do combate ao arraial de Canudos resultaram não do efetivo perigo restaurador representado pelos miseráveis sertanejos, mas de um cenário político específico que fez da destruição de Canudos a prova necessária e urgente para a confirmação do compromisso assumido com os princípios de um governo verdadeiramente republicano.” HERMANN, Jacqueline. Canudos destruído em nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 3.

Figura 1– Flavio de Barros. 400 jagunços prisioneiros, 2 de outubro de 1897. Canudos, Bahia/ Acervo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles



Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3002>

Toda a hegemonia criada sobre Canudos, em função das produções da imprensa da época, massacrava ainda mais a população canudense, que ficou difamada diante de todo o Brasil. Essa situação, dificultou também a comunidade de se reerguer durante o pós-guerra.

Estigmatizados como “jagunços”, os sobreviventes foram abertamente perseguidos e perambularam, clandestinos, pelos pequenos povoados nordestinos onde não fossem reconhecidos ou se refugiaram nos abrigos naturais, a espera de tempos melhores para retornar às suas comunidades de origem. Dispersos e com suas famílias fragmentadas, sofreram ameaças de morte, muitas delas concretizadas (PIEDADE, 2002, p. 21).

Dessa forma, foi destruído pelo fogo alastrado, reduzido às cinzas²⁰, o arraial de Bello Monte, sendo que cerca de 25 mil pessoas morreram durante a guerra. Apesar da destruição total, já dizia Euclides da Cunha (1985), “Canudos não se rendeu”. E sim, Canudos resistiu até o fim e continuou resistindo após a guerra.

²⁰ Após a destruição, o então presidente da República Prudente de Moraes, dizia: “em Canudos não ficará ‘pedra sobre pedra’, para que não mais possa se reproduzir aquela cidade maldita.” (PIEDADE, 2002, p. 17).

2.6 Das cinzas as águas – o surgimento das favelas

Uma nova batalha era travada em Canudos, a saga do pós-guerra. Os que sobreviveram, ficaram à deriva e aterrorizados, em sua maior parte, fugiram para as redondezas, com medo de perseguição. Segundo Piedade (2002), era uma outra batalha, muito mais longa e diferente do que aquela travada nas caatingas, era a luta pela sobrevivência e pela dignidade de uma memória de luta. E por muito tempo as pessoas se recusaram a falar sobre a guerra, o Estado conseguiu impregnar o medo na população.

Além disso, após o conflito, muitas mulheres de soldados que lutaram, voltaram para o Rio de Janeiro e, sem condições, foram morar nos morros da cidade. Foi quando esses morros começaram a ser denominados “favelas”, nome referente a uma planta da Caatinga:

Uma vez eu estava no Rio de Janeiro assistindo uma peça “Eles Não Usam black-tie” e quando eu vi o programa da peça, uma coisa me surpreendeu. As favelas do Rio de Janeiro tenham sido originárias da favela aqui em Canudos da época da guerra, quando terminou a guerra algumas mulheres foram acompanhar os soldados e quando chegaram no Rio foram morar nos morros. Lá elas sentiram saudade da favela, e aí foram e denominaram os locais lá favela, tanto que esse nome favela é originária daqui da nossa região, principalmente da de Canudos onde as faveleiras são abundantes lá nessas coisas. (Hidalgardo Cordeiro – Guardiã das memórias de Canudos em Monte Santo)²¹

Sendo assim, Canudos se faz presente até hoje. Pois, além da resistência do povo Candudense que ainda sobrevive após duas destruições, há também essas mulheres e seus filhos que voltaram para suas cidades sem assistência e tiveram que sobreviver em lugares inóspitos.

E Canudos está presente na favela, as favelas lá nos grandes centros. Está presente nos quilombos, está presente nas organizações de base. Está presente nas lutas dos LGBTs. Canudos está presente nos movimentos de resistência. Quando se fala em opressão, quando se fala em resistência, quando se fala em luta, quando se fala em fé, sempre se lembra de Canudos, da Belo Monte Conselheirista porque era assim que Canudos crescia. Aí em um contexto geral do que foi Canudos e do que é hoje, tem uma frase de ontem né dita por um sobrevivente da Guerra, Honório Vila Nova e uma entrevista que ele deu ele vai dizer: *grande era Canudos do meu tempo quem tinha roça tratava da roça na beira do rio, quem tinha gado tratava do gado, quem*

²¹ Trecho de entrevista concedida para o documentário. Todavia, essa em especial, não foi para o documentário, pois abranger a parte de Monte Santo, iria exceder o tempo determinado de trinta minutos, para o recorte desse projeto.

tinha mulher e filhos tratava das mulheres e dos filhos. Quem sabia rezar ia rezar. De tudo se fazia porque nenhum pertencia e era de todos grandes e pequenos na regra assinada pelo peregrino. Quem sabia rezar ia rezar. De tudo se fazia porque nenhum pertencia e era de todos grandes e pequenos na regra assinada pelo peregrino (João Batista – Descendente de conselheirista e Guia Turístico).²²

Por volta de 1909-1910, a cidade começou a se reerguer. Há registro das primeiras pessoas que começam a retornar para Canudos e se aglomeraram às margens do rio Vaza-Barris. Após ser destruída totalmente pelo fogo, na quarta expedição da guerra, comandada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães, a cidade ainda teve que lidar com sua segunda destruição, após o pós-guerra em 1940, desta vez, pelas águas.

Em 1940, após a visita de Getúlio Vargas, então presidente da época, foi mandado construir um açude no local das ruínas da guerra. Para uns, foi uma tentativa de incorporar um reservatório de água para amenizar a seca na região, para outros, uma forma de esconder e apagar as memórias da guerra e as histórias associadas à Antônio Conselheiro. Porém o açude começou a ser construído em 1951²³, e finalizado em 1969, no período da ditadura militar.

Então em 13 de março de 1969 a Canudos desaparece sobre as águas. E novamente essa tentativa de apagamento da memória de silêncio né, de licenciamento da memória daqueles que lutaram na Canudos Conselheirista e também reconstruir uma segunda Canudos na esperança de ter novamente uma vida digna, de liberdade em meio a tanta escassez. E a Canudos é reinventada a todo momento dessa tentativa, então aqueles que saíram da segunda Canudos, porque foi inundada né, alguns vem para cá para o Corcorobó, a fazenda do Corcorobó, outros vão embora para Salvador... outros partem para outros estados, mas em sua maioria alguns vem pra cá para o Corcorobó e daqui se (João Batista – Descendente de conselheirista e Guia Turístico).²⁴

²²Trecho de entrevista concedida para o documentário.

²³ Assim é que teve início, em 1951, a construção da barragem (hoje situada no município vizinho de Euclides da Cunha) e a formação do lago artificial de Cocorobó, com a retenção das águas do Vaza-Barris. Com isso, a segunda Canudos ficou submersa a partir de 1968, os seus antigos habitantes tiveram que se mudar para outros municípios e uma terceira Canudos, a que existe atualmente, foi fundada em 1985 nas proximidades. Uma pequena parte da segunda Canudos acabou ficando fora da área inundada e hoje pode ser visitada, sendo conhecida como "Canudos Velho". Disponível em: <https://www.vivaosertao.com.br/index.php/experiencias/item/137-acude-de-cocorobo>

²⁴ Trecho de entrevista concedida para o documentário.

Figura 2 – Açude de Cocorobó, 2017



Fonte: Maria Gabriela Matos.

Desde então, foi se desenvolvendo a terceira Canudos, aos arredores desse açude, que iria carregar consigo eternamente as marcas da guerra. Em 1986, foi fundado o Parque Estadual de Canudos, um local que foi cenário da morte de pelo menos 20 mil conselheiristas e aproximadamente 5 mil soldados. Com uma área de preservação do roteiro das tropas e batalhas por onde ocorreu a guerra, com cerca de 1321 hectares, possui uma grande importância “cultural, histórica, arqueológica, ecológica, militar e antropológica”.²⁵

Atualmente, Canudos é mais uma cidade do sertão e semiárido brasileiro que enfrenta várias dificuldades de desenvolvimento social e humano. Os reflexos dessas adversidades por causa da guerra são nítidos e a construção da memória desse local para preservação da sua história por meio de um documentário, facilitará esse processo de reflexão e estudo sobre a cidade em si.

Entender a guerra e tudo que se passou por trás das batalhas, requer um período extenso de leituras, busca por diversas fontes e compreensão além da vertente histórica, de um movimento social que resistiu até o final.

²⁵ Viva o Sertão - Fonte: <https://www.vivaosertao.com.br/index.php/experiencias/item/134-parque-estadual-de-canudos>

3 CINEMA, E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE CANUDOS A PARTIR DA SUA CONTEMPORANEIDADE

Desde os primórdios, o ser humano busca registrar memórias por meio das imagens, sendo uma estratégia de comunicação e também uma forma de descrever o presente que será passado para os povos do futuro. A projeção dessas figuras, a partir do seu registro, mediante a visão contemporânea, irá provocar no imaginário das pessoas ao menos uma noção de como era o passado ali e a sociedade daquele tempo²⁶. Basicamente, isso é um dos efeitos das produções audiovisuais, porém, nesse caso, as imagens estão em movimento.

Tomando como objeto o Cinema, em um ponto de vista histórico, pode-se dizer que “ele (cinema) é antes de tudo verificar como o homem se vê e representa a si mesmo e de que forma recria em imagens o seu mundo” (MEIRELLES, 1997, p.4). Nessa perspectiva, percebe-se como o registro de imagens – com ou sem movimento – tem a capacidade de preservar memórias de uma dada época, entendendo que a cada vez que ela é vista, provoca uma reflexão do contemporâneo sobre o passado, possibilitando uma tentativa de entendimento de uma sociedade²⁷ que já existiu.

Entretanto, o processo de aceitação do cinema como objeto de estudo e de construção da memória foi um desafio, já que ele nem sempre foi reconhecido pelos historiadores. Tudo isso, devido ao paradigma que associava uma obra cinematográfica apenas à ficção, e a partir do momento em que é necessária uma seleção dos fatos para se montar um filme, já o tornava irreal²⁸, sendo, então, desconsiderado pelos historiadores como documento ou objeto de estudo.

Com o passar dos anos e estudos, chegou-se à conclusão de que “a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico” (KORNIS, 1992, p.239). Entretanto, sabe-se que, assim como na história, a seleção dos fatos se faz necessária, e tanto o autor do filme quanto um historiador desempenham essas funções. Porém, isso não descredibiliza um filme como objeto

²⁶ “Desde o momento em que esses homens registraram imagens do mundo que habitavam, nos tetos e paredes de cavernas que lhes serviam de abrigo, cada figura ou séries de figuras seguiam uma disposição estética que sugeria a ideia de movimento”. (MEIRELLES, 1997, p. 2)

²⁷ De acordo com KORNIS, (1992, apud FERRO, 1976, p.81-82) tanto o cinema documentário como o de ficção devem ser objeto de uma análise cultural e social, refutando a ideia em que o primeiro gênero seria mais objetivo e retrataria fielmente a realidade.

²⁸ “Os vários elementos da confecção de um filme - a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor - são elementos estéticos que formam a linguagem cinematográfica, conferindo-lhe um significado específico que transforma e interpreta aquilo que foi recortado do real.” (KORNIS, Mônica, 1992, p. 239).

de estudo, uma vez que o mais importante a ser analisado são as expressões de indivíduos que caracterizam uma sociedade em sua época.

Assim, alguns autores consideram o filme como a representação do real. Para Meirelles (1997), uma obra cinematográfica é fatural, porque reflete as expressões de uma dada sociedade:

O filme, cuja a imagem parece sugerir o fatural, é reflexo e produto de atos e manifestações do pensamento humano. Desse modo, ele não está isento das influências da sociedade, pois é a expressão dessa mesma sociedade com todos os elementos que a compõem, transparentes ou não, conscientes ou inconscientes (MEIRELLES, 1997, p. 3).

Partindo dessa perspectiva, este estudo trabalhará com o documentário histórico, que permite não só aprender a história dita ali, mas também compreender a sociedade e pessoas daquela época, associando ao presente. Por conseguinte, podemos considerar o cinema como um objeto de construção da história e “um documento para a análise das sociedades”²⁹.

A resistência em associar a história à construção da sociedade vem da própria metodologia de ensino implantada no nosso sistema, que busca apenas decorar fatos e dados. Na maioria das vezes, ao estudarmos algum acontecimento passado, seja ele qual for, passamos por diversas leituras a fim de memorizar datas, nomes e momentos considerados marcantes para os livros, tudo de forma cronológica. É o que acontece quando se estuda sobre alguma cidade que ficou conhecida por um “fato” que se sobressaiu em algum dado momento de sua história.

Segundo Jarek (2007), a forma de ensino concentrada em decorar momentos importantes da história europeia, quase não agrega para a construção do senso crítico do aluno, pois ele não se vê como elemento histórico. “A história retratada nos livros permanece feita por uma elite dominante das quais ele não faz parte e, portanto, não lhe diz respeito” (JAREK, 2007, p. 181).

Além disso, cada lugar possui um sistema de valor diferente, que se manifesta de maneiras distintas. Por consequência, cada comunidade cria uma construção social e cultural, já que estão associadas à história local. A partir de então, o conceito de oralidade torna-se importante, pois é a partir dela que cada sujeito irá expressar suas memórias daquela região, de acordo com suas vivências, resultando na construção da história local.

Sendo assim, compreender os fatos passados, em específico os de uma cidade, vai além da memorização dos acontecimentos. É preciso levar em consideração a individualidade

²⁹ KORNIS, apud Ferro, 1992, p.243.

dos sujeitos que compõem aquele espaço, tendo em vista a importância da oralidade como um fenômeno de construção da história local.

Nesse caso, o recorte deste estudo será a história da cidade de Canudos em relação à guerra, um marco da história brasileira. Dito que cinema e história trabalham conjuntamente, este trabalho irá reproduzir, por meio das imagens, relatos de canudenses e pesquisadores que contam a história de canudos a partir das suas memórias contemporâneas, além disso, discorrerem também sobre a atual Canudos e suas dificuldades.

4 RELATÓRIO TÉCNICO

Neste capítulo, irei discorrer sobre processo produtivo do documentário *Canudos Resiste*, desde as inspirações e produções que antecederam a esse trabalho, até sua pós-produção. E para contextualizar e situar melhor o leitor para a discussão a seguir, disponibilizo esse mapa (com escala não exata), que demonstra a localização e as distâncias das cidades de Salvador, Monte Santo e Canudos no estado da Bahia.

Figura 3 – Mapa da Bahia, localização das cidades de Salvador, Monte Santo e Canudos



Ilustração: Maria Gabriela Matos.

4.1 Hiperatividade - Onde tudo começou

No meu primeiro ano de graduação, dei início ao meu canal no YouTube, o *Hiperatividade*, um projeto pessoal que na época tinha como objetivo produzir vídeos sobre

curiosidades de temas sociais, como o *O mito da Preguiça Baiana*”. Com o decorrer dos anos, aumentei meu conhecimento profissional – como técnicas e domínio de ferramentas – e amadureci como pessoa, ganhando novas visões de mundo e olhar crítico. Desde então, os conteúdos do canal também foram se modificando.

Em janeiro de 2017, durante as férias passadas em Monte Santo/BA, resolvi visitar Canudos. A viagem foi rápida, apenas um dia, mas bem produtiva. No decorrer da viagem, visitei o Memorial Antônio Conselheiro, o açude de Cocorobó e o Parque Estadual de Canudos, em que nesta entrada eram vendidos alguns materiais sobre a história da guerra e da cidade. Assim, meus pais me presentearam com o livro Relatório do Comitê Patriótico e o DVD com o documentário *SOBREVIVENTES – FILHOS DA GUERRA DE CANUDOS* (2007). A partir de então, comecei a estudar sobre o tema.

Coincidentemente, nessa mesma viagem, quando estava em Monte Santo, gravei meu primeiro documentário *Santa Cruz – O Monte Calvário Brasileiro* (2017). Este falava sobre a Serra da Santa Cruz, um ponto turístico e com grande importância para a história da cidade e da região. Durante a produção, descobri como a história da cidade é rica, mas pouco divulgada e, conseqüentemente, sem visibilidade.

A cidade, conhecida como o “Coração Místico do Sertão Baiano”, foi cenário de duas grandes produções cinematográficas *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha, e *O Pagador de Promessas* (1988), de Dias Gomes. Além disso, Monte Santo teve participação durante a guerra de Canudos, sendo base das tropas dos soldados, e a Serra da Santa Cruz servia como ponto estratégico para as tropas avistarem os arredores.

Após essa produção do Hiperatividade, juntamente com as experiências vividas durante essa viagem, tive certeza de que Canudos seria pauta para meu TCC. Sendo assim, o canal teve influência na história que antecedeu esse projeto experimental. Atualmente, o Hiperatividade possui um foco mais detalhado, que é produzir conteúdo jornalístico de cunho científico, cultural e ambiental, de forma clara e de fácil entendimento para diversos públicos. Tudo isso, por meio de produções audiovisuais, como webséries, documentários, entre outros.

4.2 Pré-Produção

Durante a disciplina de Trabalho de Conclusão – TCC I – (COM 390), realizada no primeiro semestre de 2019, iniciei as pesquisas da parte teórica que envolviam a história da

guerra, memórias e produções audiovisuais. No dia 29 de abril, ocorreu a primeira reunião com a Vanessa Lana, professora do Departamento de História da UFV e com experiência nas áreas de História do Brasil República, História das Ciências e da Saúde no Século XX, História e Patrimônio e Ensino de História.

No decorrer da reunião, fui indicada por Vanessa a leitura da introdução do livro *História da Vida Privada no Brasil, Introdução – O prelúdio Republicano*, de Nicolau Sevcenko (1998). E partir disso, comecei a desenvolver meu pré-projeto, com introdução, justificativa e objetivos.

Aquele período, foi voltado para a pesquisa histórica, pois era preciso ter um domínio considerável do tema para poder abordar as pessoas que seriam entrevistadas e saber conduzir as entrevistas. Minha maior dificuldade naquele momento foi a de encontrar informações atuais sobre Canudos, pois todos os *sites* que havia entrado estavam desatualizados. Até que garimpando as informações na *internet*, encontrei um *blog* que tinha o número de celular de dois guias turísticos: Paulo Régis e João Batista, ambos descendentes de conselheiristas. Entrei em contato com eles via *WhatsApp* e deixei as entrevistas pré-agendadas.

Até então, não havia conseguido contatar uma das fontes principais, que seria o Luiz Paulo Neiva – coordenador do Parque Estadual de Canudos, diretor do Memorial Antônio Conselheiro e autor do livro *Canudos uma nova batalha* (2019). Apesar de todos os *e-mails* e ligações, não havia tido resposta. Porém, um dia antes da viagem, ao conversar com o guia João Batista, consegui número de telefone de Luiz Paulo. Além desses contatos, consegui falar com a Lina Aras, professora de história da Universidade Federal da Bahia – UFBA – e com experiência na história da Bahia, em específico Canudos. Até então, essas eram as fontes que tinha.

A princípio, minha intenção era produzir um documentário, no qual as experiências com as personagens fossem voltadas ao conceito de observação participante, que consiste em: observar, escutar e registrar. Sendo assim, pensei em uma personagem principal, uma canudense nativa, na qual eu pudesse acompanhar sua rotina nos dias que estivesse em Canudos, e a partir de então, construir uma narrativa relacionada às memórias que a personagem tinha da guerra conjuntamente a sua contemporaneidade.

Entretanto, eu não a conhecia, visto que, para isso, era necessário chegar à cidade, algo arriscado, uma vez que tinha apenas uma semana para as gravações. Porém, não abandonei a ideia e me submeti ao risco, sabendo das possíveis consequências.

Por fim, uma semana antes da viagem para as gravações, o Albert, meu coorientador, me passou um curso norte americano de produção audiovisual, do Philip Bloom's – *Cinematic*

Masterclass. Mesmo não sabendo inglês, assisti aos vídeos do curso, pois era algo mais visual e era possível entender algumas partes, que me ajudaram bastante na captação de imagem.

4.3 Produção

Antes de falar sobre a produção em si, é necessário contextualizar que aproveitei das férias do meio do ano de 2019 para fazer as gravações, durante uma viagem em família. Então, meus pais e minha irmã foram comigo para a Bahia, porém, em Canudos, apenas meu pai me acompanhou, isso será descrito melhor no tópico gravações.

4.3.1 Gravações

Cheguei em Salvador no dia 7 de julho de 2019 e retornei a Viçosa no dia 29 de julho do mesmo ano. Os equipamentos levados foram:

- Nikon D5300 – 50mm e 28-80mm;
- Canon T5 – 18-140mm e 75-300mm;
- 2 lapelas de celular;
- Um tripé profissional – Wt6734, 1,79mts, 6kg;

Optei por não pegar equipamento do departamento, já que, por ser uma viagem longa, tive receio de que algum dano acontecesse. Isso explica o porquê utilizei duas câmeras de marcas diferentes, pois tanto a Canon T5 e a lente 75-300mm foram emprestadas por amigos, assim como, as lapelas foram emprestadas pelo Albert, meu coorientador.

Em Salvador, havia reuniões marcadas com duas fontes importantes: Lina Aras e Luiz Paulo Neiva, que seriam utilizadas para pesquisa de campo e pré-entrevista. As entrevistas desta etapa eram para eu adquirir um conhecimento prévio da situação atual de Canudos, para que assim tivesse um pré-roteiro antes de chegar à cidade.

No dia 8 de julho de 2019, segunda-feira, às 10h, tive reunião com a professora Lina Aras, na UFBA – *Campus Ondina*. A princípio, a intenção era entrevistá-la, porém, durante a conversa, ela acabou me dando umas coordenadas em relação a parte histórica.

O momento foi literalmente uma aula, eu estava na companhia de minha irmã, que me guiou pela cidade, e, ao chegar no prédio do encontro, Lina nos levou para uma sala de aula e

começou a escrever no quadro. Primeiramente ela explicou as duas principais vertentes históricas sobre a guerra de Canudos: a Conselheirista e a Euclidiana. Traçando o quadro ao meio com o giz, começou a citar possíveis fontes para eu abordar de acordo com cada vertente. Foi naquele momento que conheci os nomes:

- Antônio Olavo – fotógrafo e cineasta, que pesquisa sobre Canudos;
- Hildegardo Cordeiro, conhecido pelo apelido “Dedéga” – guardião das memórias de Canudos em Monte Santo;
- Sérgio Guerra – autor do “Relatório do Comitê Patriótico da Bahia”.

Após a reunião, percebi que seguiria a vertente conselheirista. Entrei em contato com Olavo e marquei entrevista para a quarta-feira (10/07) e contatei com o Sérgio, porém, não obtive resposta, sendo assim, não consegui entrevistá-lo.

No dia seguinte, fui para a reunião com o Luiz Paulo, que aconteceria na Universidade do Estado da Bahia – UNEB–, que me deu carona até o local, e durante o trajeto, conversamos muito e pude fazer uma pré-entrevista sobre seu trabalho em Canudos e sobre o lançamento do seu livro. A partir daí que conheci minha fonte principal: dona Maria Botão. Ao expor minha ideia de documentário e a vontade de poder ficar em contato direto com algum Canudense nativo, ele mencionou o nome daquela senhora, que mora dentro do Parque Estadual, e vez ou outra acolhe turistas em sua casa.

Após a entrevista, entrei em contato com a Mayume, neta de dona Maria, para falar sobre o documentário e pedir a ela que perguntasse a avó se aceitaria ser entrevistada. Não entrei em contato direto com dona Maria, pois onde ela mora, o sinal de celular é mais difícil, porém, Mayume foi muito atenciosa durante as ligações e conseguiu mediar o contato perfeitamente. Dona Maria aceitou o convite de ser entrevistada e de hospedar meu pai e eu em sua casa. Além disso, marquei o encontro para quarta-feira da semana posterior com Luiz Paul em Canudos.

Já o encontro com Antônio Olavo, ocorreu na quarta-feira (10/07), às 11h30, na sede da sua produtora Portfolium, localizada no centro de Salvador. Durante a entrevista, ele contou sobre suas produções, falou um pouco sobre suas experiências em Canudos e fez o resumo sobre a antiga e atual cidade. Após ter finalizado a entrevista, percebi que não iria utilizá-la, pois apesar de significativo tudo o que ele tinha dito, seriam assuntos falados pelas fontes nativas, que estariam melhor posicionadas devido ao lugar de fala.

Na sexta-feira (12/07), meus pais e eu fomos para Monte Santo, cidade-natal do meu pai, e ficamos hospedados na casa da nossa família. Como retomaria as gravações apenas na quarta-feira (17/07), nesse hiato, estruturei o pré-roteiro para ter como norte o que fazer e quem abordar. Passados os cinco dias, segui para Canudos com meu pai, cuja imersão estava prevista para três dias, porém, durante as gravações, mudamos o roteiro e prolongamos mais um dia.

Primeiro dia em Canudos

Em 17 de julho de 2019, seguimos em direção a Canudos. Ao chegar na cidade, fomos direto ao parque Estadual de Canudos, onde pegamos as informações necessárias que nos levariam até a casa de dona Maria Botão. A chegada a sua residência foi impactante. Era horário de almoço, anteriormente ela havia entrado em contato conosco para saber sobre restrições alimentares e gostos, sendo assim, nos preparou um almoço bem típico da região, com direito a carne de bode e galinha caipira.

Durante o almoço, conversamos bastante sobre o que iríamos fazer ali, sobre a sua história e como era seu cotidiano, para entendermos melhor. No intermédio, ela havia comentado de uma menina que foi acolhida em sua casa, e que coincidentemente era mineira e formada em Jornalismo. Durante a metade do almoço, a tal moça, cujo o nome é Lia, surge, e então pudemos conhecer a tão falada companheira de Dona Maria.

Eis que ali estava mais uma personagem para o filme. Lia formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora e estava perambulando pelos ares do sertão a fim de compreender o que é Canudos hoje.

Após o almoço, resolvi fazer captação de imagens, pois era o momento de descanso de dona Maria e em momento algum queria interferir em sua rotina, pelo contrário, o ideal era participar observando. Aproveitei esse tempo para sentir o ambiente, as energias do parque e conversar com a Lia sobre sua experiência ali, já que a moça havia me chamado bastante a atenção. O momento foi de compreensão para as futuras entrevistas.

Na boca da noite, dona Maria nos levou a Canudos Velho, na casa de sua irmã, Madalena, onde, quase à beira do açude, possui um restaurante que ficou famoso por conta de sua moqueca de peixe saborosa. Naquele momento, aproveitei para captar imagens do local, do pôr do sol e fazer a entrevista com a Lia para utilizar o açude como cenário, visto que o foco de seu depoimento seria sobre o pós-guerra e a Canudos contemporânea, sendo aquele espaço um símbolo.

Figura 4 – Lia – enquadramento de câmera fechada durante seu depoimento



Fonte: Maria Gabriela Matos.

Como era noite de lua cheia, aproveitei para fazer algumas filmagens perto da capela que dona Maria herdou de seu pai e Lia me acompanhou. Enquanto fazia as filmagens, ela começou a recitar uma carta que havia escrito durante aqueles quatro meses no sertão de Canudos. O título da carta era: “Simão de Canudos”. Ao perceber a grandiosidade daquele texto e como ele transcendia entre as fases de Canudos – pré-guerra, guerra, pós-guerra e a contemporânea –, decidi que Lia, além de fonte, interpretaria o Eu Lírico do meu documentário, por meio do seu personagem Simão, que representa qualquer conselheirista que por ali passou.

Assim foi feito, enquanto a câmera ficou posicionada gravando a lua durante um tempo contínuo, captei imagens e áudios de Lia lendo a carta. Porém, devido ao vento, ficamos acordadas de regravar a gravação de voz posteriormente.

Figura 5 – Lia – enquadramento de câmera durante a leitura da carta



Fonte: Maria Gabriela Matos.

Segundo dia

No segundo dia (18/07), acordei por volta das 5h30, com a intenção de analisar o melhor ângulo do nascer do sol, na tentativa de fazer um *timelapse*³⁰. Contudo, não encontrei um bom campo, ainda por cima, naquele mesmo dia começou a chover e o tempo ficou nublado até meu último dia (20/07) de gravações em Canudos. Sendo assim, não consegui captar imagens do nascer do sol. Após as tentativas falhas de captação, retornei ao interior da casa de dona Maria e voltei ao processo de observação, para acompanhar seus passos, a fim entender sua rotina e foi impressionante a espontaneidade dela, já que em nenhum momento ficou constrangida, pelo contrário, agiu naturalmente.

O processo de observação foi encantador, pois era possível se conectar à rotina de dona Maria e tentar ao máximo transmitir aquilo por meio das filmagens. Cada detalhe era importante, o ato de coar o café, jogar os milhos para a galinha, misturar a tapioca para o biju e colocar a mesa do café. Após o café da manhã, fiz a entrevista com a senhora.

Figura 6 – Dona Maria – enquadramento de câmera aberta durante seu depoimento



Fonte: Maria Gabriela Matos.

Após a entrevista, meu pai, Titinho (filho mais velho de Dona Maria) e eu fomos fazer as filmagens do parque estadual e conhecer seus pontos importantes – alto da favela, alto do Mário, Fazenda Velha, Cruzeiro da dona Isabel, o Vale da Morte, Hospital de sangue, sítio arqueológico, as trincheiras e os painéis fotográficos. O parque foi criado a partir dos

30 Fotografia Time-lapse ou Câmera-Rápida é um processo cinematográfico em que a frequência de cada fotograma ou quadro (frame) por segundo de filme é muito menor do que aquela em que o filme será reproduzido. Quando visto a uma velocidade normal, o tempo parece correr mais depressa e assim parece saltar (laping). A fotografia Time-lapse pode ser considerada a técnica oposta à fotografia de alta-velocidade. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Time-lapse>

caminhos feito pelas tropas, onde ocorreram as batalhas. Cada nome citado é referente a um ponto estratégico ou que fez parte da guerra.

Na parte da tarde, meu pai e eu fomos à Canudos Novo, visitar o memorial e participar da reunião que Luiz Paulo havia marcado. Como era temporada de férias do meio do ano, a cidade acaba recebendo mais turistas e pesquisadores. Coincidentemente, na época das gravações havia muitas pessoas pesquisando sobre Canudos, vindo de algumas instituições: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de São Paulo (USP). Então, Luiz Paulo resolveu fazer uma reunião geral com todos os pesquisadores, para que cada um pudesse falar sobre seu trabalho em Canudos. A partir daí, criamos uma rede de contatos em que todos se ajudavam, ao ponto de um acompanhar o outro durante as atividades de campo.

Terceiro dia

Todos os dias acordando às 5h30 da manhã na esperança de haver nascer do sol, entretanto, convenhamos que pedir para que a chuva fosse embora no meio do sertão chega ser até pecado diante dos deuses. Embora não havia nascer do sol, aproveitei cada momento para fazer todas as captações possíveis do cotidiano de dona Maria e dos arredores da casa, como galinha, bode, cachorro, todos os elementos que compunham o local. Cada dia meu olhar ia refinando mais em relação a cinegrafia, o que proporcionava melhores imagens.

Figura 7 – Captação de imagem de uma cabra feita no curral durante a retirada do leite



Fonte: Maria Gabriela Matos.

Nesse dia em especial, iríamos todos para a cidade, pois era o dia da feira da cidade e dona Maria ia toda semana. A feira da cidade é algo cultural no Nordeste e costuma acontecer uma vez na semana, reunindo desde os pequenos agricultores e pecuários da região, até os vendedores ambulantes de roupas e produtos eletrônicos. Sendo um meio de movimentar a economia local.

Na parte da manhã, entrevistei o Zé Américo, cordelista referência da cidade. A entrevista foi no lado externo do Memorial Antônio Conselheiro. Apesar das dificuldades com o dia muito nublado, o vento e a movimentação da cidade, a entrevista deu certo. Zé conseguiu expressar muito bem sua visão conselheirista e conciliar o passado com o presente. Além disso, ele nos contribuiu muito com dois cordéis escritos e recitados por ele. Cabe ressaltar que os cactos ao fundo foram propositais para compor o cenário e condizerem com o personagem ali posto, uma vez que Zé Américo, no contexto do documentário, é a personificação do sertanejo.

Figura 8 – Zé Américo – enquadramento de câmera fechada durante seu depoimento



Fonte: Maria Gabriela Matos.

Após a entrevista feita com o Zé Américo, fui à feira fazer umas captações de imagem. As feiras sertanejas são de extrema importância, já que de certa forma, caracterizam a rotina das pessoas do campo, além de serem símbolo de resistência de uma cultura que está quase extinta. Sendo assim, as captações seriam para contextualizar a Canudos contemporânea e alguns dos hábitos culturais da região.

Naquele dia, tive bastante dificuldade em conseguir marcar horário com Luiz Paulo, devido ao movimento do Memorial. Assim, aproveitei cada brecha para fazer as filmagens de

off que eram necessárias. A entrevista com ele ficou para o meio da tarde, dessa forma, no final do horário de almoço, meu pai e eu fomos ao mirante de Antônio Conselheiro fazer algumas filmagens de plano aberto da cidade. Chegando ao local, começou a chover e as captações ficaram ainda mais difíceis, pois o local era aberto. Devido à chuva, as imagens não ficaram como o esperado.

Na parte da tarde, retornei ao Memorial Antônio Conselheiro para entrevistar o Luiz Paulo, que até então, seria a penúltima entrevista do projeto (sendo a última a de João Batista). Porém, antes da entrevista, ele lembrou de um contato muito importante que eu precisava entrevistar: o João Ferreira, professor de literatura na rede pública de Canudos e que estuda a história da cidade há mais de 6 anos. Por consequência, meu pai e eu resolvemos ficar mais um dia na região para a entrevista com o professor. Em seguida, fomos direto à escola onde João Ferreira trabalha e agendamos encontra-lo no dia posterior, às 9h. Logo depois, fomos ao encontro de João Batista para entrevista-lo. Ambas as entrevistas ocorreram bem em termos técnicos.

Quarto dia

No dia posterior, resolvi entrevistar o Titinho, filho de dona Maria. Durante todo esse período, ele nos acompanhou e guiou quando foi necessário, além de ser uma pessoa que faz parte do cotidiano de sua mãe, um personagem presente. Porém, durante a montagem, resolvi não colocar sua entrevista, pois tive que fazer cortes maiores para fechar o documentário em 30 minutos. Contudo, esta versão é apenas a primeira, pois o objetivo é retomar a pesquisa de Canudos em 2020 e terminar lançando um longa-metragem.

Após a entrevista de Titinho, nos despedimos de todos da casa e fomos para Canudos Novo, entrevistar João Ferreira. O cenário para essa entrevista foi a Pousada Pôr do Sol, onde havia uma vista muito bonita para o açude. João Ferreira estava com a Zéfinha de Régis, descendente da família Régis, conselheiristas durante a guerra, aproveitei e a entrevistei também. Pois como não tinha conseguido entrevistar outra pessoa da família, e ao meu ver haviam poucas mulheres como fontes, o depoimento de Zéfinha agregaria muito o documentário.

A entrevista mais demorada de todas foi com João Ferreira, pois ele nos contou a história completa, desde o nascimento de Antônio Conselheiro até o pós-guerra e contexto contemporâneo. Além disso, houve bastante dificuldade na captação de áudio, muito vento e carro com paredão de som na rua. Porém, um estudante de história da UFRJ que estava

pesquisando sobre o açude e acompanhou a minha entrevista, tinha uma lapela e me emprestou. Como a dele conectava-se direto na câmera, captava o áudio melhor, o que ajudou bastante.

Além disso, meu pai foi até o carro com paredão de som e conversou com o responsável para diminuir o volume da música, que por fim, a desligou. Se não fosse isso, a entrevista não teria sido com cenário externo, com cactos e o açude de fundo, e teríamos que fazer dentro da pousada, onde não havia espaço com boa luminosidade.

É importante destacar que meu pai esteve presente em quase todas as entrevistas e o seu apoio foi essencial para que tudo acontecesse, pois foi um processo bem cansativo: quatro dias de captação intensa, acordando às 5h30 e dormindo às 22h. Assim, ele carregava todo o equipamento, me levava para todos os lugares que precisava e buscava informações comigo. Sem contar de que muitas vezes, para que eu conseguisse fazer o enquadramento “triângulo”, o colocava sentado na diagonal com as fontes, pois só assim ficava tranquila para operar a câmera e o som.

Enfim, em todas as entrevistas que ele presenciou, o coloquei como ouvinte. Foi interessante perceber como as fontes se sentiam mais confortáveis em dar o depoimento olhando para meu pai do que pra mim, pois, na visão delas, eu era a jornalista profissional com todos os equipamentos, o que os deixavam um pouco acanhadas.

Últimas gravações

Após o encontro com João Ferreira e Zéfinha de Regis em Canudos, eu e meu pai retornamos a Monte Santo no dia 17 de julho e teríamos a última entrevista na quarta-feira, 24. Era importante ter uma fonte desta cidade, já que fora base das tropas e quartéis durante a guerra de Canudos. Assim, Dedéga, fonte indicada pela professora Lina Aras, foi nosso personagem montesantense.

Na quarta-feira, acordei de madrugada para fazer filmagens da Serra da Santa Cruz, devido a sua importância na época da guerra, pois o monte foi ponto estratégico dos soldados, que em virtude da altura, conseguiam ter uma vista privilegiada do horizonte. Além disso, subir a Santa Cruz é uma tradição, e toda vez que vou à esta cidade realizo esse “ritual”.

A caminhada para subir durou em média duas horas, cerca de 3km de subida pelos caminhos de pedra sabão, e para descer 1h20 e minhas companheiras nessa caminhada foram minhas primas. Para a gravação, levei as duas câmeras, visto que utilizaria a Nikon para

capturar detalhes com a lente 50mm e a Canon para capturar imagens a longa distância com a lente 70-300.

Ao retornar à cidade, meu pai e eu tentamos localizar a casa do Dedéga para a entrevista que foi magnífica e uma das que mais me marcaram. Apesar da fonte ser de Monte Santo, nós não a conhecíamos e coincidentemente o entrevistado conheceu meu avô – que faleceu em 2013 – por meio dos movimentos da igreja católica na cidade. Foi um resgate de memórias da cidade e da minha história.

Além das suas contribuições sobre a memória da guerra de Canudos em Monte Santo, Dedéga nos contou que atuou no filme *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964), do grande cineasta Glauber Rocha, quem sempre faço referência nesse memorial. Era nítido na feição dele a empolgação em poder contar a história do seu povo, ao ponto de encher os olhos de lágrimas ao final de seu depoimento. Após a entrevista, fomos ao museu “Os sertões” de monte Santo, em que há algumas das fotografias originais de Flávio de Barros e outros artefatos da guerra.

É com pesar que, assim como a entrevista do Antônio Olavo, a de Titinho (filho de dona Maria) e a do Dedéga ficarão para a versão completa do longa-metragem. Visto que, caso fosse incluí-las, teria que dar uma abertura maior para os temas pautados em cada depoimento e seria difícil contextualizar todos em um documentário de trinta minutos.

No dia posterior, voltei para Viçosa/MG, uma vez que precisava estar no estágio na segunda-feira. Como meu pai decidiu ficar mais um tempo na Bahia, tive que voltar de ônibus junto com minha mãe (que iria para minha cidade, Três Marias/MG) até Belo Horizonte. Sendo assim, a viagem seria mais longa, o que não nos permitiu ficar mais dias.

4.4. Pós-produção

Após o término das gravações, transcrevi todas as entrevistas, sendo um momento bem desgastante, já que cada entrevista tinha entre quinze a cinquenta minutos de duração. Porém, foi uma etapa muito importante, pois, durante as gravações, aprendi muito sobre a guerra, de forma com que os depoimentos me ajudaram a construir o memorial. À medida que eu ia decupando, também escrevia o memorial. Para duas entrevistas recorri a ajuda: a de João Ferreira, que ao todo durou mais de 1h20min, à minha irmã; e de Zéfinha de Régis, ao meu amigo Isac.

Já em agosto de 2019, entrei em contato com a Lia e a pedi para gravar o áudio da carta de Simões de Canudos no estúdio do Lequinha – produtor audiovisual de Canudos –, que conheci no memorial. Com as decupagens em mãos e o áudio da jornalista, comecei a construir o roteiro. A partir de então, selecionei quais entrevistas seriam utilizadas, tendo como personagem principal dona Maria Botão, e com base no seu depoimento, as outras personagens apareceriam. Minha inspiração para esse estilo de narrativa foi a série-documental *Street Food*³¹, lançada pela Netflix este ano.

A estrutura do roteiro se deu de acordo com o capítulo da guerra deste memorial. Dona Maria inicia sua fala falando de Antônio Conselheiro e sua relação com a comunidade de Bello Monte, o que conduziu as outras fontes que falariam sobre a história da guerra como um todo. Após contar um pouco da trajetória de Antônio Conselheiro e o surgimento de Bello Monte, Dona Maria, em suas falas, recorda de suas memórias como Canudos foi se reconstruindo após a guerra, assim, as fontes contemporâneas começam a fazer relação da antiga Canudos com a atual.

Ao final do filme, revelo a personagem da Lia, quem deu voz ao eu-lírico do filme. Ela representa a visão de fora de quem procura compreender Canudos atualmente. Assim sendo, o documentário é finalizado com o final da carta de Simões:

É provável que eu já tenha ido quando a carta lhe chegar, mas em nome do nosso povo, lhe agradeço a Memória. Guarde-nos, sim, pense-nos quando quiser, e nos traga amigos, fale de nós, aprenda conosco. Nossa história serve para que vivas melhor: cuida do Outro, pratica o Amor, partilha em Paz e Perdoa – eis o que lhe passo. Eu sei que os tempos andam difíceis. É a mesma Luta que nos atravessa. Um abraço fraterno, Simão (Lia Rezende – jornalista e peregrina).³²

Dessa forma, para todas as pessoas que atualmente buscam resgatar ou entender a história de Canudos, o filme torna-se uma releitura tanto desta carta quanto da mensagem do personagem fictício Simão.

A escolha do nome

Durante a entrevista de Zé Américo, um trecho de sua fala me tocou bastante, que foi a seguinte:

31 Uma série feita a partir de documentários socioculturais TV sobre culinária e viagens explorando algumas das melhores comidas de rua do mundo em nove episódios. Disponível em: www.netflix.com/

32 Trecho da carta Simão de Canudos.

Mas o mais importante mesmo que eu acho da memória ainda é o nosso povo. É a resistência do nosso povo. Tem senhoras e senhores, jovens e adultos que ainda estão aqui, resistindo, denunciando e levando a ideia de que as pessoas tem que lutar por aquilo que é de direito. E é esse o objetivo de Canudos gente. Canudos não é simplesmente um ato que aconteceu há 120 anos atrás e tudo bem... Canudos a memória é essa, viva todos os dias, em cada rua em cada bairro e em cada canto do sertão. E essa é a nossa maior memória. (Zé Américo – Canudense e Cordelista)³³

Esse trecho me fez perceber como o termo “resistência” era significativo para aquelas pessoas, quanto é que em sua camisa estava escrito “RESISTÊNCIA – CANUDOS 120 ANOS”. A partir daquele momento eu refletir melhor que a Nova Batalha que NEIVA (2017) aborda em seu livro só é possível devido à resistência daquele povo. E que Canudos resiste a essa nova batalha contra a fome e a seca que ainda permeia a região. Foi assim que se deu a escolha do nome *Canudos Resiste*.

Figura 9 – Zé Américo – Foto capturada após a entrevista



Fonte: Maria Gabriela Matos

Design Gráfico

O design gráfico desse trabalho, foi elaborado por mim. A inspiração para a identidade visual do projeto, se deu a partir das cores da imagem de captura do pôr-do-sol que fiz durante as gravações e aparece no início do filme quando o título entra na tela.

³³ Trecho de entrevista concedida para o documentário.

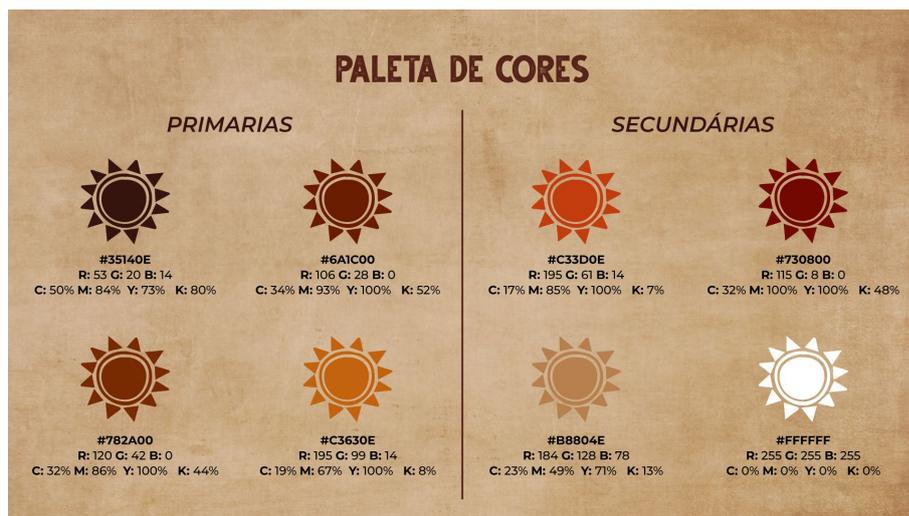
Figura 10 – Pôr do sol em Canudos – quadro de uma captura de vídeo feita ao final do primeiro dia de gravação em Canudos



Fonte: Maria Gabriela Matos.

Baseando-se nos tons laranjas dessa imagem, desenvolvi a paleta de cores, na qual a variação iria de laranja ao marrom. A ideia era de passar uma sensação de chão, terra e cascalho, tons do solo avermelhado da região, além do sol escaldante da caatinga que transcende pelos tons alaranjados.

Figura 11 – Paleta de cores da identidade visual



Fonte: Maria Gabriela Matos.

O segundo momento da identidade visual, foi a criação do *isologo*³⁴. Levando em consideração o chão pedregoso de Canudos e o viés histórico do documentário, o aspecto do logo ao meu ver deveria ser algo mais rústico. Para isso, a tipografia escolhida para o nome *Canudos* foi a *Eudora* e para o nome *Resiste* foi a *Explore*, ambas as fontes foram retiradas do site *BE Fonts* (www.befonts.com).

Figura 12 – Eudora – Tipografia



Fonte: <https://befonts.com/eudora-vintage-label-font.html>

³⁴ **ISOLOGO** – Combinação integrada da Imagem/ícon + Texto. O ícon está integrado no *Lettering* ou vice-versa. Nunca podem ser separados uma vez que não funcionam um sem o outro. Exemplos: BMW, Burger King, Harley-Davidson, entre outros. Fonte: www.agenciataboo.com.br

Figura 13 – Explore – Tipografia



Fonte: <https://befonts.com/explore-typeface.html>

Desta forma, o elemento escolhido para compor o isólogo foi o ícone da cabeça de um bode, por ser um animal predominante na região de Canudos e símbolo de resistência, uma vez que essa espécie consegue resistir as grandes secas da região. O desenho da cabeça de bode foi desenhado por mim, através de uma tablet conectada direto no computador. O programa utilizado para o desenvolvimento do design gráfico foi o *Adobe Illustrator*³⁵.

³⁵ Adobe Illustrator é um editor de imagens vetoriais desenvolvido e comercializado pela Adobe Systems. Definição: wikipedia.org

Figura 14 – Isologo



Fonte: Maria Gabriela Matos

A partir do isólogo vetorizado foi feita a animação de entrada no *Adobe After Effects*³⁶. Nessa etapa eu contei com a ajuda do meu colega Washington Pacheco que é *Motion Designer*³⁷ e, foi quem fez a animação aplicando um o *efeito glitch*³⁸ no qual ele já tinha feito para outro trabalho.

Trilha sonora

Desde o início da produção, eu já tinha previsão de lançar esse documentário em festivais, e publicá-lo em algum veículo de comunicação. Desta forma, eu sabia que a questão de direitos autorais é bem complicada, logo priorizei por uma trilha sonora original ou com músicas com direitos autorais livres.

Durante as gravações em Canudos, conheci o Lequinho, produtor cultural de Canudos, e tendo algumas conversas com ele, descobri que além de produtor cultural, ele trabalhava com audiovisual e produção musical. Inclusive ele foi quem auxiliou a gravação do áudio da Lia recitando a carta Simão de Canudos, como foi falado anteriormente.

³⁶ Adobe After Effects é um programa de criação de gráficos com movimento e efeitos visuais da empresa Adobe Systems. Definição: wikipedia.org

³⁷ Montion Designer – Significa design de animação, design gráfico animado ou motion design é, como o nome diz, gráfico em movimento no espaço da tela e no tempo. Definição: wikipedia.org

³⁸ O Efeito Glitch simula uma falha, semelhante as das TVs antigas. Definição: www.wtricks.com.br

Assim sendo, quando voltei para Minas e comecei a pós-produção do documentário, entrei em contato com o Lequinho para conversar sobre a trilha sonora. Perguntei se ele tinha algumas músicas autorais nas quais eu pudesse utilizar no documentário, foi quando ele me disponibilizou o CD – *Bião de Canudos* de onde tirei a música Maria, tema da personagem de Maria Botão e a música final, que fala sobre Canudos.

Além da trilha sonora cantada, eu precisava de uma trilha instrumental que contesse uma música dramática e uma outra mais suave, porém, com arranjos que lembrassem as músicas nordestinas. E no canal *Audio Library*³⁹ do YouTube eu encontrei a música Dreams – Firefle, que escolhi para fundo das narrações e momentos mais dramáticos.

A segunda música, eu também a encontrei no YouTube e foi a *Baião Bilé*⁴⁰ versão instrumental de Alessandra Roscoe/ arranjo: OrLando Neto. Nesse caso, consegui entrar em contato com a Alessandra que concedeu a utilização da música no documentário.

³⁹ Audio Library é uma plataforma de áudio do YouTube para encontrar músicas e efeitos sonoros gratuitos para seus vídeos.

⁴⁰ Baião Bilé é uma música composta por Alessandra Roscoe para o seu livro infantil O Jacaré Bilé. Editora Gaivota. São Paulo, 2018. Créditos da música: Arranjos: Orlando Neto | Violões: Paulo André Tavares | Sanfonas: Juninho Ferreira | Percussão: Léo Barbosa | Baixo: Oswaldo Amorim Filho | Flautas: Sérgio Moraes | Gravação: Orlando Neto | Mixagem e Masterização: Orlando Neto e Pedro Lima

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que restou de Canudos? Essa era a indagação que me levou a embarcar nesse recorte da história do Brasil, em especial, a transição da monarquia para a república. Trazer como pauta a história de Canudos, não foi uma tarefa fácil, devido a sua complexidade e proporção.

Durante toda a produção, meu aprendizado como estudante de jornalismo foi enorme e aprimorou-se a cada passo, a cada contato e a cada entrevista. Chegar em Canudos/BA e perceber que a maior parte daquele povo não leva consigo a ideia do Conselheirista e da guerra como algo presente nas suas rotinas, foi algo que quebrou minha expectativa, porém, me tirou mais ainda da zona de conforto.

Ao mesmo tempo em que eu refletia sobre esse fato, tive que buscar pelas fontes conselheiristas e também mudar o roteiro que havia idealizado. Naquele momento, senti na pele o que era ser uma jornalista, no ato de investigar, pesquisar e apurar.

Na dimensão das vivências e histórias contada pelo nosso povo, foi possível compreender a responsabilidade social do jornalista diante dos fatos. Visto que, por muito tempo, o cinema teve dificuldade em se adentrar no ramo da história, e hoje o filme já é considerado por grande maioria um documento. Assim, por meio deste produto, a busca por um registro de uma história mediante de um filme, requereu grande seriedade e concentração.

Dessa maneira, para transmitir a essência da história da guerra de Canudos e contextualizá-la com a Canudos contemporânea, foi necessária uma imersão total não apenas nos livros, mas em especial no cotidiano daquelas pessoas. Por isso, acredito na oportunidade de aprofundamento desta pesquisa futuramente.

E aproveito para destacar a importância das Universidades Públicas no âmbito das pesquisas científicas brasileiras. Pois nesse contexto, apesar da minha ancestralidade nordestina ser a maior influência para essa pesquisa, destaco também a experiência que tive durante a graduação que foi fundamental para a realização desse projeto.

Por fim, compreende-se que Canudos continua sendo um emblema, e infelizmente um dilema, para o povo brasileiro – o que já vinha ocorrendo desde o surgimento de Bello Monte até sua destruição. Sendo apenas um recorte do semiárido brasileiro, Canudos foi marcada pela incompreensão e pela incapacidade das elites brasileiras em dar assistência e desenvolver políticas públicas de melhoramento social. Porém, a história ainda não acabou, ela se refaz a cada dia. E que assim como conselheiristas de Bello Monte, os atuais canudenses carregam em si a memória, a chama e a sede de resistência.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Carla. **Cronologia resumida da Guerra de Canudos**. Rio de Janeiro. Museu da República IBRAM/MinC. Outubro, 2017.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.
- FIGUEIREDO, Marcelo. **Transição do Brasil Império à República Velha**. Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades, ano 13, nº 26. Pp. 119–145, jul./dez. 2011.
- HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897**. Tempo, Rio de Janeiro. vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.
- JAREK, Gisele. **CIDADES, CULTURAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES: UMA PROPOSTA EM EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, p. 180-191, jul./dez. 2007.
- KORNIS, Almeida Mônica. **HISTÓRIA E CINEMA: um debate metodológico**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.
- MEIRELLES, William. **O cinema como fonte para o estudo da história**. História e Ensino, Londrina, v.3, p.113-122, abril, 1997.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p.23-38, jan/dez 2002.
- NEIVA, Luiz Paulo. **Canudos: uma nova batalha**. Salvador: EDUNER, 2017. 116 p. : il.
- PIEIDADE, Lélis. **Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia: 1897-1901/ Lélis Piedade**; edição, apresentação, notas e projeto gráfico Antônio Olavo, - 2.ed – Salvador: Portfolium, 2002. 288 p. : il.
- RIBEIRO, Ester. **A Guerra de Canudos na imprensa e na literatura: Ideologia e Cientificismo**. São Paulo. Grau Zero: Revista de Crítica Cultural, v. 1, n. 2, 2013.
- SANTANA, Júnior Antenor. **Cartilha de Canudos: 111 anos da Guerra de Canudos, 1897-2008**. 2ª edição. Salvador. Edição Rememorativa dos 111 anos da Guerra de Canudos, 2008.
- SEVCENKO, Nicolau e NOVAES, Fernando. **História da Vida Privada no Brasil**. Volume 3. São Paulo: Cia das Letras 1998.

ANEXOS

ROTEIRO – CANUDOS RESITE

TÉCNICA/IMAGENS	ÁUDIO
<p>TELA PRETA (em fade)</p> <p><i>um filme de: Maria Gabriela Matos</i></p> <p>Imagens noturnas da lua em frente à casa e em seguida da frente da igreja com enquadramento na cruz e a lua de fundo;</p> <p>Fade Preto</p> <p>Imagem da Lia lendo</p> <p>Cenas do filme a Guerra de Canudos (1996) quando Canudos pega fogo e os cadáveres</p> <p>Animação em glich do título do filme no fundo a imagem do pôr do sol com a sombra dos cactos</p> <p>Fade Preto</p> <p>Imagem da árvore com folhas balançando/ imagem aberta com a vista para o açude e os morros ao redor/ imagem do chão de pedras vermelhas/ imagem da cabra</p> <p>Fade preto</p>	<p>Sobe som: Dreams - Firefl!es [Vlog No Copyright Music]</p> <p>SON Lia: Querido amigo do futuro; Saudações. Sou Simão de Canudos e lhe peço licença. Partilho alguns guardados da Guerra, que é pra ajudar você e os colegas na lida dos dias. Conto-lhes, pois, do que lembro.</p> <p>Escreve-lhe esta carta.</p> <p>Está feito: "não deixar pedra sobre pedra". Alguns milhares de homens cruzam a Caatinga a caminho de casa. Movimentam este sertão dado a tanto silêncio. Afastam-se da fumaça preta que sobe: Belo Monte agora é ruína e cadáver.</p> <p>Encerra o som ambiente e a trilha: Dreams - Firefl!es</p> <p>Narração Lia: Pensa numa Grande Aldeia Sagrada. Pois teve aqui uma jubilosa Canaã sertaneja, com morro de cuscuz, rio de leite e chão dourado pelo divino das pedras. Belo Monte é o novo nome do arraial que até outro dia a gente chamava Canudos.</p>

<p>verdor da fogueira</p>	<p>essa gente, em prol de uma sociedade em que as desigualdades sociais não existiriam.</p>
<p>Fade preto</p>	
<p>Imagem da Entrevista de João Ferreira</p>	<p>Sonora de Antônio Conselheiro no filme – Bem-aventurados os que tem sede e fome de justiça, pois esses serão saciados. Bem-aventurado os misericordiosos, pois esses alcançarão misericórdia. E os que sofrem perseguições, porquê deles é o reino dos céus. Sim meus irmãos, obedeça a Igreja e os mandamentos de Deus nosso senhor, de quem sou nessa terra, um miserável apóstolo.</p>
<p>Fade preto</p> <p>Cenas do filme a Guerra de Canudos – Antônio Conselheiro e seus seguidores caminhando pela Caatinga</p>	<p>Entrevista João Ferreira - Então lá ele começa a peregrinar de Sergipe à Bahia, reformando cemitério, construindo aguadas, pequenos tanques, construindo igrejas, e a cada dia o povo vem se aglomerando ao seu redor. Pregando, mobilizando, e isso a medida que vai evoluindo, vai aglomerando mais pessoas, e o que é interessante é que começa incomodar a elite, os coronéis. Quando ele chega, realmente, na região de Itapicuru, Tucano... já vem com muita gente ao seu redor.</p>
<p>Imagem da Entrevista de João Ferreira</p>	
<p>Entra com um movimento de zoom suave na tela, uma ilustração da comunidade de Bello Monte</p>	<p>Entrevista João Ferreira - Belo Monte começa a crescer assustadoramente, vem gente de todos os lugares, de todas as regiões, de Sergipe, da Bahia, de Pernambuco do Ceará. E isso vai incomodando, a cidade cresce assustadoramente. Porque tudo era a solidariedade, a terra era de todos. Ninguém lá, era mais do que ninguém.</p>
<p>Imagem da Entrevista de João Ferreira</p>	<p>Ele chega a dizer: - vamos todos trabalhar porque aqui é de todos, inclusive eu estou trabalhando também. Como se dissesse assim, eu vou trabalhar para dar exemplo a todos, a cidadela.</p> <p>Isso vai incomodar mesmo os coronéis. Começa a se construir um... (medo), a professora Consuelo tem um artigo que diz “A construção do medo”, eu acho fantástico esse artigo. Começa a se construir um medo, os coronéis têm medo, a poli... tem medo, todo mundo tem medo; mas quem é que tem medo? A classe dominante! E nessa criação de medo é preciso</p>

<p>Imagem da retirada de leite de uma cabra</p>	<p>destruir Bello Monte. Porque Bello Monte incomoda. Como é que uma cidade paga impostos e não tem fome? Os famosos rios de Leites e barrancas de Cuscuz, eu acho uma das metáforas mais lindas quando se define Belo Monte. O que é o Rio de Leite? Era como se fosse assim, eu não tinha onde beber e agora eu bebo todo dia. Eu não tinha o que comer, agora eu como todo dia. Lá eu não passo fome, lá eu não passo sede, meus filhos tem escola.</p>
<p>Imagem de um mamão em cima da mesa</p>	<p>Sobe som: Baião Bilé – Alessandra Roscoe</p>
<p>Fade preto</p>	<p>Narração Lia - Queriam que aquele povo todo voltasse para as fazendas e buracos de onde vinham. E eram de muito canto, uma gente diversa se dando mesmo bem naquela nova ordem. Conheci vaqueiro, jagunço, camponês, 13 de maio, caboclo, beata e criança filha daquela terra. Nosso bode virou o melhor da região e o couro ficou famoso porque não tinha risco de cerca. É que não tinha cerca. E nem bebida de álcool.</p>
<p>Imagem da serra com neblina</p>	<p>Encerra o som ambiente e a trilha - Baião Bilé – Alessandra Roscoe</p>
<p>Imagem do painel com a Fotografia de Pierre Verguer – 1947. / Imagem do painel com a Fotografia de Antônio Olavo – João Mulambo, descendente de contemporâneos da guerra. / Imagem do painel com a Fotografia de Claude Santos – Vila do Rosário, descendentes de contemporâneos da guerra. / Imagem da cabra no curral. / Imagem das cabras em câmera lenta andando no quintal.</p>	<p>Entrevista Zéfinha de Régis - E era uma comunidade, foi uma comunidade muito crescente né, e na verdade assustou o poder né da República, os políticos, os latifundiários e até mesmo os religiosos né. E assustou o Clero, porque chega um homem, assim, que não era um religioso consagrado lá pelo Vaticano, pregando o evangelho numa linguagem muito popular numa liturgia dentro da realidade daquele povo, esvaziou as igrejas né, da região. Na época o padre celebrava a missa na linguagem, que quer ver, no latim de costas para Assembleia e nada o povo entendia. Então isso assustou e, portanto se diz que a igreja foi conivente né, ela foi omissa.</p>
<p>Fade preto</p>	<p>Narração Lia – Da Fé, surgiu um povo de coragem sincera e forte. Tão sincera e tão forte que até capuchinho da Igreja veio ver.</p>
<p>Imagem da Entrevista de Zéfinha de Régis</p>	
<p>Fade preto</p>	
<p>Imagem da janela da igreja</p>	

<p>Fade preto</p> <p>Entra com um movimento de zoom suave na tela, uma fotografia dos Freis Capuchinhos</p> <p>Ilustração dos peregrinos</p>	<p>Entrevista João Ferreira - Diante de tanta repercussão que Bello Monte estava causando, o bispo da Bahia envia os Freis Capuchinhos Italianos para Bello Monte né. Pra tentar, eh... aconselhar o líder maior a se desfazer daquele movimento. E eles se acabam criando uma revolta dentro da comunidade. Eles não foram mortos porquê eles fugiram pelo fundo, do Bello Monte. Diante da pregação de que o movimento de Conselheiro e sua gente tinha que ser disperso.</p>
<p>Imagem da Entrevista de João Ferreira</p> <p>Entra com um movimento na vertical uma ilustração de Antônio Conselheiro na capa do Rabudo</p> <p>Imagem da Entrevista de Zé Américo</p>	<p>Entrevista Zé Américo - Mas Antônio Conselheiro foi perseguido, pela própria elite burguesa né, que a muitos anos já se manifesta e que comanda esse país. Então Antônio Conselheiro foi perseguido, como Cristo lá atrás foi perseguido pela elite também, junto também com a própria igreja... que a igreja até um certo ponto, persegue Antônio Conselheiro e há um desfecho fatal que é o extermínio de Antônio Conselheiro e de toda a comunidade. Onde a igreja que adora um Cristo bonito de olhos azuis, o Cristo opressor. Antônio Conselheiro pelas as informações, por aquilo que eu ouvi dos meus antepassados de todo esse povo que aqui conviveram, era um homem que pregava o amor e a esperança, o respeito, a partilha de tudo, era isso fundamental.</p>
<p>Fade preto</p> <p>Cenas do filme a Guerra de Canudos – Construção da Igreja do Bom Jesus</p> <p>Fade preto</p> <p>Texto na tela: 1896 – O estopim da guerra</p> <p>Imagem da Entrevista de João Ferreira</p>	<p>Entrevista João Ferreira – E aí Conselheiro... a cidade cresceu muito e Conselheiro resolve construir outra igreja, já que a que tinha era muito pequena. E a partir dessa igreja, que ele manda... levanta, não tinha madeira suficiente aqui na vegetação, manda comprar a madeira em Juazeiro, né. E Euclides da Cunha vai chamar mais tarde de “um incidente desvalioso”. E me parece que a madeira foi o estopim, que eles acharam o álibi para dizer “agora nós temos como invadir Canudos, destruir Canudos”</p> <p>Sobe som de suspense</p> <p>Narração Lia – Da Pra ter um motivo, proibiram de entregar a madeira da construção da nossa segunda</p>

<p>Fade preto</p> <p>Imagem das madeiras atualmente que se encontram em Canudos</p> <p>Fade preto e trilha</p> <p>Cenas do filme a Guerra de Canudos – Fala de Conselheiro sobre a perseguição</p>	<p>Igreja, a de Bom Jesus. O lote tava de pagamento quitado e ficou decidido ir buscar.</p> <p>Desce som</p> <p>Sonora de Antônio Conselheiro no filme – Eu cheguei perseguido e a perseguição continua. Aqui nesse papel os demônios da república dizem que nosso Bello Monte é conspiração estrangeira. Que regente europeia pra treinar nosso povo pra guerra. Guerra que nós não começamos. Disseram que a gente ia invadir a casa dos outros em Juazeiro, a gente num foi lá, mas eles vieram aqui na maldade tirar nossa morada.</p>
<p>Fade preto</p> <p>Cenas do filme a Guerra de Canudos – batalhas</p>	<p>Narração Lia – E aí foi isso, o primeiro embate ali mesmo, no caminho, a gente armado com ferramenta da roça e cantando louvor.</p>
<p>Fade preto</p> <p>Imagem da Entrevista de João Ferreira</p>	<p>Entrevista Maria Botão – Meu tio O meu tio “Xiquinhão” brigou muito na guerra. Esse lutou! Ele era de tudo, era de facão. Ele contava muito sobre a guerra, nós pegava ele, e botava ele numa rede. Nós balançava muito com ele numa rede né, com o meu tio. Chamava Xiquinhão. Aí ele o digo - “Você agora vai contar as guerras e os crimes que você fez, vai contar tudinho pra gente né!” Aí ele, não gostava, dizia - e vocês querem saber? Vocês tão novos e querem saber de quem já se foi e tudo... mas nós precisa, pra nós contar alguma história né. Sobre a guerra. Aí ele disse que brigou, lutou muito. Viu muita morte né, assim pelo chão, muito sangue... essas coisas, né. Muito sofrimento. Ele lutou também né, para não morrer né. E ele brigou até o fim!</p> <p>Narração Lia – A república mandava mais corpo, e a gente ia sempre ganhando, aos poucos se armando, se treinando e se entendendo melhor.</p>
<p>Fade preto</p> <p>Fotografia de combate da guerra/ Fotografia dos soldados e os canhões</p> <p>Fade preto</p> <p>Imagem da Entrevista de Maria Botão</p>	<p>Entrevista Maria Botão – Continuando né, foi quando começou a guerra né, o pessoal chegaram, pra acabar com a cidade. Muita gente morreram, se esconderam nas matas né... e aí... acabou muita coisa.</p>

<p>Fade preto</p> <p>Imagem de galhos de árvore/ Imagens de Maria Botão olhando o horizonte/ imagem de cabra andando</p>	<p>Narração Lia – Passava de mês a mês, o sossego sempre curto, e eu ia entendendo que aquilo só parava mesmo era no fim. Foi sumindo cabra e sumindo roça. Cabra amigo e cabra bicho, também. No que tava cada mais vez difícil, decidi ir-me embora. Muita gente se debandou.</p>
<p>Fade preto</p> <p>Imagem da Entrevista de Zé Américo</p> <p>Fade preto</p>	<p>Entrevista Zé Américo - após o genocídio, o massacre... que muitas pessoas saíram de Canudos né, e depois retornaram, essa comunidade ela vai se reestruturar, exatamente no lugar da mesma Canudos Conselheirista, mas dessa vez a segunda Canudos.</p>
<p>Texto na tela: 10/1897 – O fim da Guerra</p> <p>Fade preto</p> <p>Imagem da praça da cidade</p>	<p>Entrevista João Batista - Canudos ela passa por várias fases né... Então desde ao final da guerra de canudos, até os dias de hoje, Canudos vai tentando se redesenhar na construção da memória das suas raízes e suas identidades. Então a guerra termina em 5 de outubro de 1897 e aqueles que conseguiram fugir durante o cerco de 23 de setembro, eles retornam e fundam uma segunda canudos no início do século XX. Em 1909, 1910 tem os primeiros registros daqueles que vem pra... o que sobrou da primeira Canudos às margens do rio Varzea Barris novamente começa a crescer ali uma segunda comunidade segunda Canudos</p>
<p>Imagem da Entrevista de João Batista</p> <p>Fade preto</p> <p>Imagem de uma cabra andando ao lado da cerca</p>	<p>Entrevista Maria Botão - Aí o pessoal foi começando a chegar. Foi acabando, começaram a aparecer. Passaram muita necessidade no meio do mato. Muita fome. Porque aqui não tinha muito o que comer né. Comia era “água de varatá”, essas coisas tudo pra lá. Comia essas comidas doidas do mato. Aí ficou, Canudos foi... o pessoal foi fazendo mais né, que acabou a igreja, acabou tudo né. E o pessoal foi começando a fazer... foi chegando, fazendo suas casas, construindo Canudos né... porque se não fosse a guerra, canudos era a segunda capital da bahia né, uma cidade enorme.</p>
<p>Imagem da Entrevista de Maria Botão</p> <p>Fade preto</p>	<p>Entrevista João Batista - Então Canudos vai crescendo e nesse processo você tem a visita Getúlio Vargas em 18 de outubro 1940, e que conversando com a liderança local ele promete a construção do</p>

Imagem da cidade	açude né... não do Corcorobó, mas uma barragem e os estudos poderiam ser construído na Serra do Caepã, na Serra do Rosário em outros lugares mas, segundo o serviço de topografia a serra do Corcorobó conseguia acumular uma quantidade muito maior de água cerca de 245 milhões de metros cúbicos de água, atenderia mais de 20 municípios, então tudo levava a crer que ali seria o lugar mais ideal para se construir esse açude. E o açude foi construído né.
Imagem da Entrevista de João Batista	Narração Lia – Eis a segunda Canudos, que décadas mais tarde será caminho d’água pro Vaza-Barris passar. Pois farão daqui um açude de Cocorobó, no auge de mais uma ditadura militar dessa nação que ainda chamam Brasil.
Fude preto	
Imagem de flor/ Imagem aberta de vista superior do açude e os morros ao redor/ imagem fechada do açude/ imagem das pedras e das águas do açude	Entrevista Maria Botão - Ah esse açude antigamente, quando vieram para fazer ele o pessoal dizia “e não vai dar certo...” a barragem vai... muita gente dizia que ia estourar... nesse tempo eu estava até morando em Feira. Eu cheguei como hoje, aí começou a chover, aí passou dois dias chovendo assim, mais dois dias mesmo de cair água e tomando já a cidade toda né. Eu tinha um tio que chamava Zeca do pão. Aí ele veio correndo aqui, eu tinha chegado e ele disse, vamos lá em casa ligeiro, porque a água tá quase chegando na porta. Aí nós corremos pra lá. Aí quando nós chegamos lá a água já estava dando na cintura. Puxamos os móveis dele pra cá, já com a água na cintura já. E já foi tomando tudo. Quando foi pela noite já tomava tudo já. Tava tudo embaixo d’água. Então o açude encheu de um dia pro outro.
Fude Preto	
Imagem da entrevista de Maria Botão	
Imagem fechada do açude	
Fude Preto	Entrevista João Batista – Então em 13 de março de 1969 a Canudos desaparece sobre as águas. E novamente essa tentativa de apagamento da memória de silêncio né, de licenciamento da memória daqueles que lutaram na Canudos Conselheirista e também reconstruir uma segunda Canudos na esperança de ter novamente uma vida digna, de
Imagem do açude	
Texto na tela: 03/1969 – Canudos submersa	
Imagem da Entrevista de João	

<p>Batista</p> <p>Imagem da Entrevista de Zé Américo</p> <p>Fade Preto</p> <p>Imagem do Memorial Antônio Conselheiro</p> <p>Imagem da Entrevista de Luiz Paulo Neiva</p> <p>Imagem dos hastes das bandeiras do Brasil, Bahia e Canudos</p> <p>Imagem de duas crianças andando na rua sem asfalto/ Imagem de uma casa/ Imagem da estátua de Antônio Conselheiro</p> <p>Fade Preto</p> <p>Imagem dos pescadores no barco no açude/ Imagem de algumas casas/ Imagem da praça do centro da cidade/ Imagem de uma picape de vendedor de abacaxi/ Imagens da feira</p> <p>Imagem da Lia caminhando no</p>	<p>liberdade em meio a tanta escassez.</p> <p>Entrevista Zé Américo – A gente costuma a falar que ele matou dois coelhos com uma porrada só. Que a ideia, qual foi, ele botou água no sertão e cobriu a história. Por muito tempo eu condenei e vou condenar ainda, a ideia do açude. Não a construção do açude em si, mas o tamanho do açude que foi feito.</p> <p>Entrevista Luiz Paulo Neiva - Evidentemente que Canudos foi-se destruída pela segunda vez. Aí 69 nós vamos iniciar ter uma terceira Canudos, que é essa. Ou seja, marcada novamente pela incapacidade das elites governamentais em promover um desenvolvimento para essa população; nós temos hoje ainda aqui, nós tentamos um dos piores índices de desenvolvimento do país, pobreza e desigualdade mais uma vez marca a história de Canudos.</p> <p>Então nós estamos vendo esse ciclo, que vem desde lá, muito antes de 1900... Conselheiro chega aqui e se estabelece em Canudos e transforma... renomeia Canudos como Belo Monte, mas a marca é a mesma. Evidentemente com algumas diferenças de época né, o progresso da Ciência, da tecnologia e tudo mais. Mas no geral, a marca do semear a marca do Nordeste, tendo Canudos como exemplo disso, é essa marca do descaso, da falta de políticas públicas adequadas para o povo do Nordeste, o povo de Canudos.</p> <p>Sobe som: Dreams Firefl</p> <p>Narração Lia – Cumpre-se a profecia do sertão que vira mar. E surge, então, uma terceira Canudos, logo adiante. Ela será diferente, e poucos de nós seguirão aqui. Trata-se de uma outra terra, de gente diversa, trabalhadora e criativa, como os nossos e como os teus.</p> <p>Encerra som ambiente e a trilha: Dreams Firefl</p> <p>Entrevista da Lia - a Canudos de Conselheiro foi na minha cabeça de fato destruída assim, as pessoas conseguiram suportar uma primeira destruição. Beleza, vieram aqui, colocaram fogo em Belo Monte, destruíram tudo, mataram todo mundo, e a galera</p>
---	---

<p>horizonte</p> <p>Imagem de uma planta nas pedras da barragem do açude</p> <p>Imagem das passadas da Lia no chão pedregoso</p> <p>Imagem da Entrevista de Lia</p> <p>Imagem da Entrevista de João Batista</p> <p>Imagem da Entrevista de Luiz Paulo Neiva</p> <p>Imagem da Entrevista de João Ferreira</p>	<p>conseguiu segurar essa onda e 12 anos depois 13, 14, 15 voltar e construir a segunda Canudos. Mas depois de 50, 60 anos que estavam ali, chega um governo e começa a construir uma açude, dali a pouco tempo perde tudo de água... quando a segunda é destruída eu acho que a galera também... foi pouca gente que teve gás para ficar sabe, e a galera foi realmente embora. Não se sabe mais onde esse pessoal tá.</p> <p>E o que ficou aqui, essa, Canudos que existe hoje você tem um outro descendente de sobrevivente de guerra, um outro que vai te falar com orgulho dessa história, mas a maior parte das pessoas são trabalhadores, a gente brasileira igual eu, igual você, igual todo mundo; gente que tem que comer, que quer comprar um celular, que quer acesso a internet, que quer que os filhos estudem, que quer boas condições de trabalho, que quer ter saúde... que quer ter acesso aos luxos, principalmente os que passam na televisão, como eu e como você.</p> <p>Entrevista João Batista - E entender Canudos hoje é muito difícil porque... Canudos está presente em todos os lugares, quando falamos em resistência, Canudos eh... como o próprio Euclides da Cunha se descreve, Canudos foi o único exemplo em toda a história de resistência, de luta e canudos resistiu até seu esgotamento completo. Então Canudos é símbolo de resistência, de fé e de luta.</p> <p>Entrevista Luiz Paulo Neiva – Evidentemente que alguém pode dizer assim “mas não é possível, é tão diferente daquela época” e é diferente. Mas ainda continuamos com um dos piores índices de desenvolvimento humano do país. Essa é uma batalha, que no meu livro, que eu escrevi recentemente, “Canudos uma nova batalha” com duas grandes frentes, dois grandes dilemas. Uma é a dificuldade de preservar, de combater a pobreza e a miséria e desigualdade, uma outra que é a dificuldade também, a outra batalha de... da preservação da memória da história.</p> <p>Entrevista João Ferreira – País que não tem memória não tem identidade. Cidade que não tem memória não tem identidade. E a gente não pode deixar jamais apagar essa memória. A memória de Canudos é uma memória que vai servir de exemplo para todo esse país.</p>
---	--

<p>Imagem da Entrevista de Zé Américo</p>	<p>Entrevista de Zé Américo – Mas o mais importante mesmo que eu acho da memória, ainda é o nosso povo. É a resistência do nosso povo. Tem senhoras e senhores, jovens que ainda estão aqui, resistindo, denunciando e levando a ideia de que as pessoas tem que lutar por aquilo que é de direito.</p>
<p>Imagem da Entrevista de Zéfinha de Régis</p>	<p>Entrevista Zéfinha de Régis - Que nós continuemos com a esperança e a luta de melhoria e de reparação né. Que o estado brasileiro reconheça, mediante tantos trabalhos que vêm sendo feito por estudiosos e pesquisadores sobre Canudos, que isso surta efeito né, até chegar a República Federativa do Brasil né, que possa fazer alguma coisa de reparação por Canudos, que ainda está muito a desejar.</p>
<p>Imagem da Entrevista de Zé Américo</p>	<p>Entrevista de Zé Américo – E esse é o objetivo de Canudos, gente. Canudos não é apenas um ato que aconteceu há 120 anos atrás e tudo bem. Canudos a memória é viva todos os dias em cada rua em cada bairro em cada canto do Sertão essa é a nossa maior memória.</p> <p>Sobe som: trilha Baião Bilé – Alessandra Roscoe</p>
<p>Fade Preto</p> <p>Imagens das flores no chão pedregoso/ Imagens do pôr do sol</p> <p>Imagem de Zé Américo recitando o cordel</p> <p>Imagem dos painéis de vidro no Outeiro das Marias no Parque Estadual de Canudos</p>	<p>Zé Américo recitando o cordel</p> <p>Em cada palmo desse chão lavado com sangue e lágrimas Faz nascer a cada dia, com encanto e magia a liberdade tão sonhada</p> <p>Aos que tombaram na luta sem temer a tirania verdadeiros mártires da terra aqui no alto da favela, o Cruzeiro é seu guia</p> <p>O sol caindo lentamente em um cenário desolador dona Isabel com um terço o horizonte fitou e rezou por todas as almas que agora passeiam calmas, por esse gesto de amor</p>
<p>Imagem de Zé Américo recitando o cordel</p>	<p>Encerra o som: trilha Baião Bilé</p>

<p>Fade Preto</p> <p>Imagem da entrevista de Maria Botão</p> <p>Fade Preto</p> <p>Imagem Lia lendo a carta</p> <p>Fade Preto</p> <p>Imagem do rosto de Maria Botão/ Imagem do rosto de Zé Américo/ Imagem da estátua de Antônio Conselheiro/ Imagem da cabeça feita de gesso de Antônio Conselheiro/ Imagem de Maria Botão abraçando Lia/ Imagem de Maria Botão andando com roupas namão/ Imagem do rosto de Lia</p> <p>Fade Preto</p> <p>Texto em fade - Informações sobre a guerra</p> <p>Texto em fade - Informações sobre</p>	<p>Sobe som: trilha O Andarilho – Bião de Canudos</p> <p>Entrevista Maria Botão – Ah eu deixo, muita paz, muito amor, muito carinho né. Que seja correr tudo bem, na paz de Deus, graças a Deus.</p> <p>Narração Lia – É provável que eu já tenha ido quando a carta lhe chegar, mas em nome do nosso povo lhe agradeço a Memória.</p> <p>Guarde-nos, sim, pense-nos quando quiser, e nos traga amigos, fale de nós, aprenda conosco. Nossa história serve para que vivas melhor: cuida do Outro, pratica o Amor, partilha em Paz e Perdoa – eis o que lhe passo. Eu sei que os tempos andam difíceis. É a mesma luta que nos atravessa.</p> <p>Um abraço fraterno, Simão.</p> <p>A Guerra de Canudos aconteceu durante os anos de 1896 a 1897 no estado da Bahia. Foi um episódio que marcou catastroficamente a história do Brasil, mais especificamente a transição da monarquia para a república, sendo um reflexo do momento em que o país vivia na época.</p> <p>O arraial de Bello Monte foi destruído pelo fogo, sendo que cerca de 25 mil pessoas morreram durante a guerra. Apesar da destruição total, já dizia Euclides da Cunha (1985), “Canudos não se rendeu”. E sim, Canudos resistiu até o fim e continuou resistindo após a guerra.</p> <p>A dimensão do conflito, sua origem e consequências, faz de Canudos um marco da história do Brasil, sendo ainda pauta de muitos debates não só históricos, como também, políticos e sociais.</p> <p>A carta Simão de Canudos, narrada durante o filme, foi escrita entre março e julho de 2019 por Lia Rezende, uma mineira, jornalista e que viveu entre Uauá e Canudos, na Bahia. Atualmente Lia ainda está em sua peregrinação pelo sertão.</p>
--	---

<p>a carta Simão de Canudos</p> <p>Créditos</p> <p><i>(em fade)</i></p> <p><i>Logo da UFV, do curso e do departamento</i></p> <p><i>Logo do filme – Canudos Resiste</i></p>	<p>REALIZAÇÃO Maria Gabriela Matos</p> <p>ORIENTAÇÃO Kátia Fraga</p> <p>COORIENTAÇÃO Albert Ferreira</p> <p>NARRAÇÃO Lia Rezende</p> <p>AGRADECIMENTOS</p> <p>Lia Rezende Luiz Paulo Neiva João Batista João Ferreira Maria Botão Raimundo Matos Zé Américo Zéfinha de Régis</p> <p>PRODUÇÃO MUSICAL Lequinho de Canudos</p> <p>TRILHA INSTRUMENTAL Baião Bilé - Alessandra Roscoe Dreams - Firef</p>
---	--